

3

O período *entrevargas* e a campanha presidencial de 1950

“Brasileiros amigos eu não pretendo atacar os meus adversários de campanha política, são também homens dignos do vosso voto, são também merecedores do vosso acolhimento, portanto brasileiros amigos, escolhi entre minha pessoa e a de meus adversários, se mereço vosso voto, votai em mim confiante de que votaste em um homem que pelo menos sobe dar aos trabalhadores de todo o Brasil alguns direitos, mas se não o mereço, perante vossa consciência, procurai votar em que vossa consciência melhor desejar”¹

(João de Aquino)

O trecho acima foi retirado de uma carta enviada por João de Aquino a Getúlio Vargas em setembro de 1949. Aquino apresenta-se como um pequeno funcionário, auxiliar de coleta na cidade de Caruaru, agreste de Pernambuco. Diz que leu nos jornais algumas poucas notícias sobre a candidatura de Vargas à presidência e envia a carta para oferecer seu apoio irrestrito e agradecer a Vargas por ter aceitado o pedido do povo para que fosse candidato. Aconselha mais “publicidade” para a campanha, para que os eleitores se mantenham informados, mas recomenda que Vargas não faça promessas e nem ataque o adversário; segundo Aquino, o bom político deve procurar, de maneira elegante e “democrática”, esclarecer ao povo como deve ser o governo do Brasil, e demonstrar capacidade de administração. Assim o próprio povo se encarregará de fazer campanha para ele. E dá a dica: se Getúlio Vargas pronunciar a frase acima transcrita, levará o povo a refletir e a decidir-se definitivamente a votar em Getúlio, pois ele foi o único candidato que até então demonstrou interesse pelo humilde, pelo trabalhador, pelo agricultor. Por fim, pede desculpas caso esteja aborrecendo Vargas com tantos conselhos, mas afirma que tudo isso é vontade de ser novamente governado por Getúlio Vargas, porque deseja recuperar a paz perdida.

A carta de João de Aquino é apenas um exemplo das muitas cartas enviadas ao ex-presidente por pessoas dos mais variados segmentos da sociedade, pedindo que ele voltasse a governar o país. Entre a correspondência acumulada por Vargas, há muitas cartas de aliados políticos, de militares, de amigos de longa data. Mas também há muitas cartas de pessoas que provavelmente nunca chegaram a estar pessoalmente diante do presidente. Em geral as pessoas saúdam-

¹ Carta de João de Aquino a Getúlio Vargas pedindo que se candidate à Presidência da República e fazendo sugestões para a campanha eleitoral. Caruaru, 1949. Arquivo CPDOC: GV c 1949.09.01

no como “meu caríssimo e estimado presidente”, “meu único candidato à presidência”, e assinam como “um leal amigo”, “um fiel admirador” etc ². Muitos, como Aquino, fazem sugestões de como deve ser conduzida a campanha, dão dica de algum assunto que esteja em voga em sua cidade, oferecem conselhos sobre a economia. Quase todos eles se afirmam cegamente fiéis a Vargas e dizem que estão prontos para ajudar a fazer campanha – estão apenas aguardando as ordens do líder para começar o “barulho”. Alguns até oferecem seus endereços e telefones, para o caso de Getúlio querer entrar em contato. Um rapaz de São Paulo chega a se oferecer para trabalhar no governo, caso suas sugestões sejam aceitas no plano econômico. Barros Cardoso, um caixeiro viajante representante de produtos farmacêuticos, escreve a Vargas no início de 1950 afirmando que em suas viagens pelo interior do país pôde constatar a condição de calamidade em que vive o brasileiro humilde desde 1945, e que, escandalizado com a situação, que só via se agravar, resolveu fazer uma enquete entre seus clientes e descobriu que todos torciam pela volta de Vargas ao Catete. Assim, resolveu escrever ao “ilustre amigo”, como se dirige a Vargas, e pedir-lhe, em nome do povo, que se candidate à presidência. E despede-se desejando saúde e dizendo que a pátria está cheia de fé em sua volta.

A intimidade com que as pessoas escrevem para Vargas sugere a forte relação construída entre ele e seu público ao longo de seu primeiro governo. Em seu arquivo encontram-se muitas correspondências enviadas por pessoas comuns – trabalhadores, mães de família etc. – entre 1930 e 1945, onde é possível constatar como as pessoas se apropriaram do discurso do líder, de que no Estado Novo não havia intermediários entre o presidente e o povo, e o uso que fizeram dessa ausência de barreiras. Nessas cartas, as pessoas desabafavam seus problemas pessoais, pediam que o presidente as ajudasse, e afirmavam que só estavam escrevendo para ele por que ele mesmo as tinha instruído a procurá-lo. Um exemplo é Amerida de Mattos Diniz, mineira de Diamantina, funcionária postal, que em 1938 recorre ao chefe de Estado e se justifica dizendo que se assim

² São exemplos: Arquivo CPDOC: GV c 1948.09.08, GV c 1948.10.09, GV c 1948.09.22, GV c 1950.03.09/2 e outras.

o faz, é por desejo dele mesmo, “... que já declarou que no Estado Novo não existem intermediários entre o povo e o governo”.³

Vargas esteve sempre atento à sua popularidade. Durante todo o período *entrevargas* Getúlio parecia estar em campanha. Logo após ser deposto pelos militares em 1945, já parecia planejar a sua volta ao Catete. No comunicado que publicou no dia seguinte à deposição, elogiava as Forças Armadas e dirigia-se ao grande público dizendo que os trabalhadores, os humildes, haveriam de entender a situação que se passava com ele⁴. Apesar de deposto, Vargas não foi preso ou exilado. Ficou acertado, entre os generais envolvidos no processo, que ele apenas seria obrigado a retornar para o Rio Grande do Sul num avião das forças armadas. E assim foi feito: no dia 31 de outubro, dois dias depois de deixar o governo, Getúlio voltava para São Borja.

Mesmo estando fora do governo, Vargas continuava sendo a figura mais influente do cenário político, graças a sua imensa notoriedade entre a população. Isso fez com que, nas eleições de dezembro 1945, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) o lançasse candidato a deputado federal por vários Estados, como permitia a legislação eleitoral da época, e também a senador, pelo PTB paulista. O Partido Social Democrático (PSD) também o lançou candidato, só que ao Senado do Rio Grande do Sul. Getúlio foi eleito senador pelo Rio Grande do Sul e São Paulo e deputado constituinte por sete Estados (Rio Grande do Sul, São Paulo, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Bahia). Por decisão da Assembléia Constituinte, acabou assumindo a cadeira de senador por seu Estado natal, o Rio Grande do Sul, onde obtivera a sua maior votação. Porém, só foi empossado meses após as eleições. Apesar de os trabalhos na assembléia terem começado em fevereiro, Getúlio, que estava em São Borja, só veio ao Rio para tomar posse de seu mandato em julho. Quando chegou foi recebido no aeroporto por uma multidão.

O clima em torno de Vargas no Senado era, segundo ele próprio descreveria, irrespirável. A oposição manifestava-se a ponto de, num episódio, a disputa no plenário acabar em luta corporal do lado de fora do prédio⁵. Entretanto, em frente

³ Jorge Ferreira. *Trabalhadores do Brasil: o imaginário popular*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997. p.26

⁴ <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/> >> acesso em 21 de abril de 2007.

⁵ <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/> >> acesso em 21 de abril de 2007.

ao palácio Monroe, sede do senado federal, a cada discurso do ex-presidente uma multidão de pessoas se aglomerava para aplaudi-lo.

Entre dezembro de 1946 e janeiro de 1947 Getúlio viajou pelo país apoiando as campanhas de candidatos do PTB e do PSD às assembleias legislativas e aos governos estaduais. Os candidatos apoiados por Vargas saíram-se muito bem, fortalecendo, assim, a imagem do PTB. Na época, Vargas discursou afirmando que o PTB não era simplesmente reflexo de sua imagem política, mas a expressão da vontade das massas em ver cumprida a legislação trabalhista. Afirmou também nada mais esperar da vida pública, queria apenas se afastar da política deixando como herança um partido que funcionaria como um ponto de equilíbrio entre as forças sociais.

Em agosto e setembro de 1947 Getúlio pediu licença do Senado, tendo sido substituído pelo suplente Camilo Mércio, que assumiria o posto também durante quase todo o ano de 1948, e em outras duas vezes que Getúlio se ausentaria para voltar a São Borja.

Em novembro de 1947, houve eleições em São Paulo para escolha de prefeitos, vereadores e do vice-governador. Essa eleição foi vista na época como um termômetro para a sucessão de Dutra, dada a importância política do Estado. Havia dois candidatos a vice-governador pelo PSD, um apoiado por Getúlio, outro apoiado pelo presidente Dutra e por Adhemar de Barros, então governador de São Paulo e um dos principais nomes na corrida da sucessão. Getúlio viajou pelo estado fazendo campanha para seu candidato e encarou essa disputa como se fosse um plebiscito entre forças políticas. A disputa dividiu o PSD ao meio, levando o PTB, que não tinha concorrente próprio, a apoiar o candidato de Getúlio – apenas uma pequena parte do partido apoiou o candidato de Adhemar,⁶ que venceu a disputa. Essa divisão dos partidos mostrou que a força política de Adhemar estava acima das legendas. Vargas saiu desse episódio profundamente desiludido e mais uma vez retornou a São Borja, mas levou consigo uma certeza que o

⁶ Em 1946, percebendo resistências ao seu nome por parte da UDN e do PSD, Adhemar de Barros uniu-se a um grupo de companheiros e fundou a sua própria legenda, o Partido Social Progressista (PSP). Em janeiro de 1947 Adhemar foi eleito para o governo de São Paulo pelo PSP, mas sua posse foi questionada pelo PSD e pela UDN, sob acusação de ilegalidade da candidatura. Foi empossado em março, e logo que assumiu o governo, buscou alianças com os dois partidos que lhe faziam oposição. A UDN manteve sua posição, mas o PSD passou a apoiá-lo, mediante alguns acordos. Ver: Jorge Miguel Mayer. “Adhemar de Barros”. IN: Alzira Alves de Abreu [et al]. *Dicionário histórico- biográfico brasileiro pós-1930*. vol. I. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001, p.541.

acompanharia durante a campanha de 1950: ele também não era um candidato de partidos, e sim das massas. Se Vargas quisesse vencer as próximas eleições presidenciais, teria que trazer Adhemar para seu lado.⁷

Isso acabou acontecendo. Em janeiro de 1948 o PSD, a UDN e o PR assinaram o Acordo Interpartidário, que veio a somar forças dos três partidos com vistas a dificultar a penetração varguista no pleito de 1950. Esse acordo possibilitou a Dutra governar sem oposição, pois os três partidos somavam a maioria do congresso. Entretanto o acordo que visava às eleições acabou desfazendo-se antes delas, pois foi assinado pelos presidentes das legendas, sem apoio das bases dos partidos. O acordo que pretendia enfraquecer Getúlio acabou fortalecendo-o, pois desarticulou as forças contrárias a ele. E Adhemar, também ameaçado por este acordo, se aproximou de Getúlio. A partir de setembro de 1948 a imprensa já começa a anunciar a aliança entre Adhemar e Getúlio, e também a possibilidade de Getúlio lançar-se candidato, apesar de ele continuar afirmando que não tinha intenção de concorrer à presidência. Ao longo do ano de 1949, Getúlio foi procurado por vários partidos políticos que queriam seu apoio nas eleições. À exceção do PTB, nenhum o queria como candidato, mas todos queriam seu apoio⁸.

Em março de 1950, Getúlio e Adhemar oficializaram a aproximação, através da assinatura de um acordo de ajuda mútua. Firmava-se, assim, a aliança PTB-PSP, que mais tarde lançaria oficialmente a campanha de Vargas.

A partir de abril a campanha de Getúlio começa a ser lançada em vários locais sem que ele realmente confirmasse se concorreria ou não. No dia 19 de abril, aniversário de Getúlio, Adhemar de Barros lança a campanha na cidade de São Paulo⁹ e João Goulart no Rio Grande do Sul¹⁰, numa grande reunião de trabalhistas. Nessa ocasião, o senador Salgado Filho escreve a Vargas questionando se devia ou não comparecer ao evento, já que enquanto presidente efetivo do PTB, sua presença significaria que Getúlio havia aceitado concorrer¹¹. E até as pessoas simples, nas ruas, começam a promover a campanha sem o

⁷ Paulo Brandi. "Getúlio Vargas". IN: Alzira Alves de Abreu [et al]. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. vol. III. V. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001, p. 5946.

⁸ Idem. *Ibidem*. p. 5949.

⁹ Maria Celina D'Araújo. *Sindicatos, carisma e poder. O PTB de 1945-65*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 56.

¹⁰ www.cpodoc.fgv.br <<Acesso em abril de 2007>>

¹¹ Documentos sobre a campanha eleitoral de 1950. Arquivo CPDOC: GV rem.s 1950.01.28.

consentimento – nem a discordância, diga-se de passagem – do candidato. O senador José Monteiro Ribeiro Junqueira escreve a Getúlio, ainda no mesmo mês, contando que um comitê eleitoral foi instalado na Tijuca, no Rio de Janeiro, com participação de mais de três mil pessoas, que espalharam cartazes coloridos e santinhos pelas ruas do bairro. No primeiro dia de funcionamento do comitê mais de 300 pessoas se alistaram para participar da campanha ¹². No mês seguinte, maio, George Galvão, diretor do jornal *O Radical* recebe de Odimar Moreira Campos uma notícia para ser publicada no órgão getulista: operários de uma fábrica em Campos, estado do Rio, espontaneamente começaram a arrecadar fundos para a campanha de Vargas ¹³. Apesar de Vargas afirmar que não concorreria às eleições, sua candidatura começou a tomar forma, de maneira descentralizada, pelos quatro cantos do país.

3.1 - O segundo quererismo

O movimento queremista surgiu no final do primeiro governo Vargas, como uma manifestação espontânea do povo nas ruas, quando a democratização já estava em curso. Aparentemente, não apresentava um líder ou uma direção nacional. Ao ver um grupo de antigetulistas ofendendo o presidente publicamente, um outro grupo, de getulistas, imediatamente surgia para defendê-lo aos gritos de “Viva os trabalhadores!” e “Nós queremos Getúlio!”. A esse fenômeno chamou-se “queremismo”. No final do primeiro governo, em 1945, os queremistas defendiam a permanência de Getúlio no poder. Agora, em 1950, o quererismo estava de volta às ruas de todo o país, pedindo a volta de Getúlio.

Em diversas cartas remetidas à Estância Santos Reis, local de moradia do ex-presidente, os correspondentes de Vargas relatam que nas cidades brasileiras o “queremos” era o assunto da vez. “Desde as reuniões sociais até as batucadas nas ruas”, não se falava em outra coisa¹⁴. Muitos trabalhadores escreviam a Getúlio pedindo autorização para começar a oficialmente fazer campanha – ao que freqüentemente se referiam como “fazer barulho”. Como em 1945, o movimento nascia, aparentemente, de forma espontânea e desarticulada, sem um líder e sem uma direção. Porém, encontrava tanta adesão entre os eleitores, que alarmava os

¹² Carta de José Monteiro Ribeiro Junqueira a Getúlio Vargas. Arquivo CPDOC: GV c 1950.04.22.

¹³ Carta de Odimar Moreira Campos a George Galvão. Arquivo CPDOC: GV c 1950.05.26/3.

¹⁴ Carta de Joel Presídio de Figueiredo a Getúlio Vargas. CPDOC, GV c 1950.02.06.

adversários. E como no primeiro quererismo, os trabalhadores não queriam candidato de Getúlio, queriam o próprio. A diferença é que no “novo queremos” essa condição parecia não ser negociável: ou votavam em Getúlio, ou não votavam em ninguém. Nas palavras de José Custódio Barriga Filho, o que havia era uma obsessão por Getúlio Vargas. Ainda segundo José Custódio, até os que tinham sido adversários de Getúlio no passado, agora clamavam pela sua volta.¹⁵

Os aliados políticos que visitavam Getúlio pessoalmente também davam conta de que a população, nas ruas, só tinha uma palavra de ordem: Getúlio! Mesmo estando recolhido em seu sítio em São Borja, ao qual era difícil o acesso, dadas as condições da época – era preciso ir até Porto Alegre, e de lá viajar até São Borja em pequenos aviões monomotores – Getúlio recebia diariamente dezenas de cartas e a visita de diversas pessoas – políticos, militantes do PTB, funcionários públicos – que iam pedir que ele voltasse¹⁶. Segundo José Augusto Ribeiro essas pessoas iam oferecer apoio a Vargas e pedir que ele voltasse porque viam nele a possibilidade de estender a todos os trabalhadores as melhorias implementadas no seu primeiro período de governo. E cada pessoa que visitava Vargas, levava consigo cartinhas de parentes e amigos que não haviam podido ir pessoalmente¹⁷.

As cartas que Getúlio recebia eram parecidas com a de João de Aquino, que vimos anteriormente. As pessoas empenhavam seu apoio, agradeciam o que o presidente havia feito por elas em seu primeiro governo, e diziam que estavam apenas esperando um sinal para começar a campanha. Pediam que Getúlio aceitasse o pedido do povo e se candidatasse à presidente, que não as abandonasse, pois estavam contando com ele. Não pediam favores, nem empregos, nem vantagens; não pediam nada além de sua presença no Catete. Simplesmente queriam Getúlio.

Algumas pessoas escreviam sugerindo temas para a campanha que se avizinhava. Pedro Álvares Lopes, ainda em 1948 escreve a Getúlio recomendando que ele incluía no seu programa de campanha os seguintes temas: proteção ao homem do campo, construção de estradas, liberdade de comércio e justiça social.

¹⁵ Carta de José Custódio Barriga Filho a Getúlio Vargas. CPDOC: GV c 1949.09.15/3.

¹⁶ Em carta de janeiro de 1950, João Vieira de Macedo refere-se à movimentação em São Borja como “uma grande romaria”. Arquivo CPDOC: GV c 1950.01.02/1.

¹⁷ José Augusto Ribeiro. *A era Vargas, volume 2. 1950-1954: o segundo governo Vargas*. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2001. p. 6.

Lopes se apresenta como um amigo sincero do presidente Vargas, e afirma que apesar de não ter direito a voto, por ser estrangeiro, é um fiel defensor do getulismo e um grande admirador do presidente. Lopes diz que apoiará Vargas numa possível campanha e oferece todo o seu apoio, inclusive disponibilizando seu endereço no Rio de Janeiro¹⁸. O deputado federal Olegário Mariano é outro exemplo: no primeiro semestre de 1950 escreve para Getúlio afirmando-se como amigo fiel, disponibilizando sua ajuda e afirmando que a população do Rio de Janeiro só está esperando uma palavra de ordem para oficializar a campanha¹⁹. Esta, por sinal, era uma situação recorrente em várias partes do país: a campanha crescia à boca pequena, esperando o líder dar a autorização para torná-la oficial. No final de 1949, José Custódio Barriga filho também escreve ao presidente afirmando que o povo do triângulo mineiro já está organizado, esperando ordens para começar o “barulho” em torno da campanha²⁰.

Paralelamente, aliados políticos de Getúlio firmavam acordos com lideranças locais e observavam a movimentação em torno da sucessão se aproximava. Esses aliados escreviam a Vargas dando conta que ele tinha grandes chances de vencer a eleição - diziam isso em função da movimentação que viam nas ruas: o povo queria Getúlio. Uma carta de setembro de 1949, por exemplo, afirma que os queremistas só estão esperando uma ordem dos líderes de 1945 para recomeçar o movimento – e acrescenta que nada poderá deter a “avassaladora onde getulista”²¹. Numa carta de 1948, Bruno Ribeiro, militar aliado de Getúlio, informava ao ex-presidente que o queremismo estava de volta às ruas de São Paulo: a campanha pela volta de Getúlio tinha se iniciado sem nenhuma forma de organização ou órgão de comando, mas que a frase “ele voltará!” estava estampada por toda a cidade. Segundo ele, as pessoas nas ruas não falavam em outra coisa que não fosse “queremos Getúlio!” – mas advertia que o povo não queria votar em um candidato apoiado por ele, e sim no próprio Getúlio. Segundo Bruno, Getúlio ainda era sinônimo de esperança para os humildes. Sobre a posição do Exército em relação a uma possível candidatura varguista, Bruno informava que a maioria dos oficiais apoiaria Getúlio, e até os que antes eram

¹⁸ Carta de Pedro Álvares Lopes a Getúlio Vargas. Arquivo CPDOC: GV c 1948.09.08.

¹⁹ Carta de Olegário Mariano a Getúlio Vargas. Arquivo CPDOC: GV c 1950.01.09/2.

²⁰ Carta de José Custódio Barriga Filho. Arquivo CPDOC: GV c 1949.09.15/3.

²¹ Carta de José Monteiro Ribeiro Junqueira a Getúlio Vargas. Arquivo CPDOC: GV c 1949.09.02/1.

contra ele, agora sentiam saudades; além do Exército, afirmava Bruno, a Marinha e a Aeronáutica estavam a favor da volta de Getúlio.

Os aliados também elaboravam relatórios descrevendo a ação política e o cenário econômico de suas regiões. Davam conselhos, ofereciam ajuda, indicavam outras alianças. Esses relatórios chegavam às mãos de Getúlio por intermédio de portadores, pois o correio, segundo algumas cartas relatam, evitava entregar qualquer correspondência com destino à Estância Santos Reis, onde Getúlio “descansava”. Isso fazia com que esses documentos por vezes chegassem com algum atraso, defasados, ou acompanhados de cartas rapidamente manuscritas, dando conta das atualizações em relação ao relatório. Quanto a isso, dois episódios são interessantes: Bruno Ribeiro, que servia ao Exército em São Paulo, em meados de 1948 enviou-lhe pelo correio uma correspondência. Foi imediatamente transferido para o Rio de Janeiro, como forma de punição pela “indisciplina”. A partir daí, Bruno passou a valer-se dos portadores e continuou escrevendo a Getúlio regularmente ²².

Outro caso interessante aconteceu em janeiro de 1950, quando Francisco Piza tentou enviar um telegrama para Getúlio. Piza era presidente da Cooperativa Central Agrícola de São Paulo, que reunia 32 cooperativas, somando 112.000 pequenos lavradores entre São Paulo e Paraná. O telegrama felicitava Vargas por ter sido o primeiro político a dar atenção às reivindicações dos humildes, a levantar a questão da reforma agrária e a impulsionar a organização cooperativista. O correio recusou-se a passar o telegrama, alegando que continha “expressões regularmente inadmissíveis”. O telegrama foi, então, entregue a Getúlio em mãos, por um portador. Francisco Piza foi apresentado a Vargas por Danton Coelho, na época presidente do PTB, e acabou sendo um importante articulador da campanha na região, tendo contribuído com relatórios sobre a questão agrária e sobre as reivindicações dos lavradores paulistas ²³.

Esse é um ponto importante a se ressaltar na campanha de Getúlio. Na falta de institutos de pesquisa, e de recursos para encomendá-las ao único instituto então existente no país (o IBOPE, que existia desde 1942), o mapeamento das aspirações populares era realizado por pessoas influentes de cada região. Amigos e aliados de Getúlio, observando o ambiente à sua volta, pesquisando nos jornais,

²² Carta de Bruno Ribeiro a Getúlio Vargas. Arquivo CPDOC: GV c 1949.06.08.

²³ Carta de Danton Coelho a Getúlio Vargas. Arquivo CPDOC: GV c 1950.01.05/2.

ou mesmo em pesquisas de campo, no estilo “corpo-a-corpo”, diziam ao candidato que caminho deveria seguir. Alguns desses observadores escreveram os discursos que Vargas faria durante a campanha, como veremos mais adiante. Exemplo interessante desse trabalho de campo é uma pesquisa enviada a Vargas em maio de 1950 por Jesus Pinheiro. Jesus afirma ter feito uma investigação junto aos eleitores de Rio Branco, no Acre, e constatou que 75% deles pretendiam votar em Getúlio nas próximas eleições e que unanimemente acreditavam que só Vargas poderia salvar o país do caos em que se encontrava. Na pesquisa realizada por Jesus, entre a capital e algumas localidades no interior, foram entrevistadas 3.600 pessoas - a maioria, segundo o entrevistador, era de pais de família – logo, o número de getulistas na região deveria corresponder ao dobro ou triplo do número de entrevistados, já que cada um falava por seus familiares²⁴.

Podemos destacar algumas pessoas que foram importantes interlocutores de Getúlio durante seu “exílio”. Esses contatos mantinham o presidente informado e davam conta dos acordos feitos no mundo político. A filha Alzira era a principal informante do pai. Em várias cartas encontramos referências a essa ligação, em comentários como “Alzira já o deve ter informado”, “no relatório que Alzira enviou” etc.. Alzira foi sempre atuante na vida política do pai. Exercendo a função de auxiliar no Gabinete Civil da Presidência da República, organizou todo o arquivo pessoal de Vargas desde a década de 1930²⁵.

Uma correspondência constante de Vargas era Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, filho de João Pessoa. Numa das cartas desculpa-se por não estar enviando relatórios com maior frequência, mas diz saber que Getúlio se mantém informado por intermédio de sua filha Alzira. Epitácio algumas vezes comenta que esteve com ela. Assim como Bruno Ribeiro, Epitácio também é insistente em falar do quererismo. Diz que o movimento surge desarticulado por todo o país, mas numa força tão grande que leva pânico aos adversários. Ele reclama para si o título de “líder do queremos”. Foi dele a iniciativa, juntamente com Napoleão de Alencastro Guimarães e José Soares Maciel Filho, de começar uma campanha de arrecadação de fundos para o pleito presidencial. Com esses recursos eles adquiriram uma empresa gráfica, que denominaram Sociedade Anônima Indústria Gráfica o Marmiteiro (SAIGOM), em referência à derrota do Brigadeiro Eduardo

²⁴ Documentos sobre a campanha eleitoral de 1950. Arquivo CPDOC: GV rem.s 1950.01.28.

²⁵ www.cpdoc.fgv.br <<Acesso em junho de 2007>>

Gomes em 1945²⁶. A gráfica passaria a produzir dois veículos: a revista *Diretrizes* e o jornal *O Radical*, voltados para a divulgação da doutrina trabalhista²⁷. Isso nos leva a entender por que ele foi nomeado diretor de propaganda para a campanha de 1950. Epitácio fundou uma espécie de “departamento de comunicação” getulista: criou um canal de comunicação e uma bem sucedida estratégia de propaganda – o “queremos”.

Epitácio também afirma em suas cartas que o povo está decidido a não votar em candidato de Getúlio, mas somente nele próprio. Epitácio faz detalhados relatórios sobre a situação política nos Estados, e relata as viagens que fazia e as alianças que estabelecia. Apesar de carioca, ele tinha boa penetração nos Estados do Nordeste, por pertencer a uma família de tradicional influência na região. Em carta de 1949 relata uma viagem que fez em companhia do senador Salgado Filho, outro aliado de Vargas de longa data, em que arregimentaram várias opiniões em favor de Getúlio.

O Senador gaúcho Joaquim Pedro Salgado Filho esteve ao lado de Vargas desde 1930, e manteve-se sempre fiel a ele. Em junho de 1948, o PTB passou por uma reestruturação interna e pela primeira vez Vargas deixaria de ser presidente de honra do partido assumiria o cargo efetivamente, tendo Salgado Filho como seu vice. Na prática, a presidência seria mesmo exercida por Salgado Filho, que viajou pelo país buscando fortalecer a liderança pessoal de Vargas e tentando unificar os esforços do partido em torno da campanha presidencial de 1950. Durante as negociações para o pleito, articulou os entendimentos entre Vargas e o PSD. Estabeleceu diversas alianças em nome de seu candidato à presidência. Em nova eleição interna no PTB, no mesmo ano, foi substituído por Danton Coelho na vice-presidência do partido e indicado para ser o candidato da legenda ao governo do Rio Grande do Sul. Entretanto, morreu num acidente aéreo, em seu Estado natal, em plena campanha.

Danton Coelho, vice-presidente do PTB a partir de 1948, também escrevia a Getúlio com alguma regularidade, e também relatava aspectos do quererismo. Em carta enviada a Vargas em 1949, Danton afirma que o movimento estava crescendo nas ruas de todo o país, principalmente em face dos erros políticos e

²⁶ Carta de Napoleão de Alencastro Guimarães a Getúlio Vargas. Arquivo CPDOC: GV c 1948.10.11/1 e D’Araújo. *op. cit.*, p. 53.

²⁷ *Diretrizes* foi lançada em 1938 como revista mensal, e em 1941 passou a ser um jornal semanal. O jornal carioca *O Radical* existia desde 1932.

administrativos do governo Dutra. Segundo ele o Brasil podia ser comparado a um arquipélago de ilhas queremistas que tinham em comum apenas o culto a Getúlio Vargas. E acrescentava que a força do movimento, que mantinha a fé nos corações populares, nada tinha a ver com o PTB de São Paulo – o que, na opinião dele era bom, pois quando fosse a hora de se dirigir ao público, Getúlio poderia falar diretamente aos que formavam a força do queremismo, sem a interferência do partido. Em suas cartas, Danton sempre mandava notícias sobre os passos de Adhemar de Barros. E também relatava ao chefe a necessidade de reestruturação do PTB de São Paulo, devido à grande quantidade de divergências internas. Aliás, os problemas internos do PTB paulista eram assuntos recorrentes em cartas de várias pessoas. Desde 1947 o partido colocou-se em oposição ao governo Dutra, posição reafirmada em 1948, quando se recusou a assinar o Acordo Interpartidário. Entretanto, algumas alas do partido, insistiam na composição com o governo, colocando-se contra a orientação nacional do partido. A situação era ainda mais grave em São Paulo, onde além das diferenças de posição em relação ao comando partidário, havia disputas internas pela liderança regional. Salgado Filho chegou a comentar que o PTB ao invés de combater adversários políticos, combatia-se a si mesmo, numa espécie de “luta fratricida”.²⁸

Um dos materiais de propaganda utilizados na campanha de 1950 foi a “Cartilha Queremista”, que continha 28 razões para se votar em Getúlio: a descoberta do petróleo, a usina de Volta Redonda, a mecanização da lavoura, as estradas de rodagem, a legislação trabalhista etc. A cartilha indicava exatamente com quais elementos deveria ser construída a memória do primeiro governo Vargas. Abaixo da lista de motivos, a indicação da fonte, para atestar a veracidade das informações: o livro “Contribuição à História Administrativa do Brasil na República até o ano de 1945”, de Almir de Andrade²⁹, editado pela Livraria José Olympio³⁰ em 1950. De início foram rodados três milhões de exemplares dessa cartilha, mas no final do panfleto vinha um pedido: “coopere conosco mandando imprimir e auxiliando na distribuição dessa cartilha”.³¹ Ao solicitar auxílio na

²⁸ D’Araújo. *op. cit.*, p.55

²⁹ Durante o Estado Novo, Almir de Andrade foi diretor de *Cultura Política*, a revista oficial do regime.

³⁰ A Livraria José Olympio era uma respeitada editora carioca, ponto de encontro de intelectuais e escritores.

³¹ Documentos sobre a campanha presidencial de 1950. Arquivo CPDOC: GV ce 1950.08/09.00/53.

impressão e distribuição do panfleto, a cartilha queremista transformava o eleitor em agente ativo da divulgação da campanha e multiplicava suas possibilidades de alcance.

3.2 - A preparação da campanha

O principal articulador da campanha de Getúlio Vargas à presidência da República foi João Neves da Fontoura. Foi ele o encarregado de organizar a excursão da comitiva varguista. Ele também comandou a composição dos discursos, delegando à personalidades regionais a confecção prévia dos mesmos³². Foi, ainda, o responsável por organizar o comitê de campanha de Getúlio, do qual seria vice-presidente (o próprio Getúlio seria o presidente), mas problemas de saúde o levaram a indicar João Batista Luzardo para seu lugar. João Neves considerava imprescindível a organização do comitê, para que a campanha fosse irradiada de um único centro, e não pelo partido, já que este apresentava diferentes nuances regionais. Ele considerava Rio de Janeiro, São Paulo, e Rio Grande do Sul os pontos-chave da campanha e por isso supervisionou pessoalmente a elaboração destes discursos, e mandou-os ao presidente para a revisão final, antes mesmo de a excursão do candidato começar. João Neves considerava que nesses três Estados a votação de Getúlio seria expressiva, e que a população dessas localidades corresponderia aos esforços de uma campanha intensa e concentrada, garantindo, assim, o sucesso de Vargas nas urnas. Nos outros estados, João Neves acreditava que o eleitorado se dividiria entre os três principais candidatos, não garantindo a vitória a nenhum deles.³³

João Neves foi aliado político de Vargas desde antes da Revolução de 1930 – foram companheiros de chapa nas eleições à presidência do Rio Grande do Sul em 1927. Ocupou vários cargos durante o primeiro governo Vargas embora muitas vezes se opusesse ao regime autoritário. Durante o governo Dutra, foi Ministro das Relações Exteriores. Trocava cartas com Vargas frequentemente, mas reclamava da dificuldade de combinar a urgência do envio dos relatórios com a disponibilidade de portadores. João Neves sempre mandava longos relatórios sobre os bastidores da política e, no período que antecede as eleições de 1950, uma de suas preocupações é a possibilidade de prorrogação do mandato de Dutra.

³² Carta de João Neves a Getúlio Vargas. Arquivo CPDOC: GV c 1950.06.27.

³³ Carta de João Neves da Fontoura a Getúlio Vargas. Arquivo CPDOC: GV c 1950.08.05/2.

No início de 1949, mandou a Getúlio uma carta informando sobre as conseqüências de uma possível extensão do governo Dutra e das alianças e rivalidades políticas que isso acarretaria. Afirmava que o prestígio do nome Getúlio Vargas crescia a cada dia³⁴.

Outro personagem de destaque no cenário da campanha é José de Segadas Viana. Carioca, bacharel em Direito, e também revolucionário de 1930, durante o primeiro governo Vargas Segadas Viana foi chefe de gabinete do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, na gestão de Alexandre Marcondes Filho. Em 1945 foi um dos articuladores da fundação do PTB no Distrito Federal. No período *entrevargas* ele também escrevia ao presidente dando conta da crescente onda queremista, da preferência do eleitorado pelo nome de Vargas e do índice de rejeição do presidente Dutra. Mas a principal função de Segadas Viana no decurso da campanha foi manter o presidente informado sobre a seção carioca do PTB, inclusive sobre o alistamento de novos membros, e campanhas realizadas entre estudantes e oficiais do Exército³⁵.

Samuel Wainer também é figura importante na empreitada getulista. Jornalista da cadeia *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, Wainer é encarregado, no início de 1949, para fazer uma matéria sobre o cultivo de trigo nos campos gaúchos. No meio do caminho resolveu pousar na Estância Santos Reis e tentar entrevistar Getúlio, mesmo sabendo que há tempos o presidente evitava receber jornalistas. Deu a sorte de estar no lugar certo, na hora certa: conseguiu não só a entrevista, como uma declaração bombástica do ex-presidente, afirmando que voltaria: “não como líder político, mas como líder de massas”³⁶. A publicação da reportagem, fiel às palavras ditas durante a entrevista, garantiram a Wainer a confiança de Vargas e um assento no avião em que o candidato à presidência excursionaria no ano seguinte. Com o boicote realizado pela Imprensa em relação à candidatura de Vargas, Wainer foi o único repórter a acompanhar Getúlio em sua empreitada rumo ao segundo mandato. Em seu livro de memórias o jornalista relata que aonde quer que Vargas chegasse, era esperado por uma multidão de centenas de milhares de pessoas - que não carregavam cartazes, não gritavam palavras de ordem, não pareciam ter partido político. Eram apenas

³⁴ Carta de João Neves a Getúlio Vargas. Arquivo CPDOC: GV c 1948.12.22.

³⁵ Carta de José de Segadas Viana a Getúlio Vargas. Arquivo CPDOC: GV c 1948.10.19.

³⁶ www.cpdoc.fgv.br <<Acesso em Junho de 2007>>

getulistas, representantes do povo que queriam seu líder de volta. Em todas as cidades, em todos os Estados, Vargas era ovacionado pela multidão que o aguardava ³⁷. Esse fato também pode ser constatado em alguns filmes e fotografias produzidos pelo comitê de campanha como parte do material de propaganda do candidato. As imagens mostram Getúlio Vargas cercado por multidões de pessoas que mal o deixam caminhar, em várias cidades do país. ³⁸

Apesar dos inúmeros pedidos de populares por sua volta à presidência, Getúlio sustentou sua posição de neutralidade até meados de 1950. Afirmava apoiar a “fórmula Jobim”: o governador gaúcho pessedista Valter Jobim havia proposto uma consulta a todos os presidentes de partidos políticos, para que indicassem um candidato único. Essa fórmula não funcionou, e nem poderia funcionar, devido a fortes interesses partidários e regionais.

Enquanto as forças pró-Getúlio se organizavam em torno de seu nome, Vargas continuava adiando a oficialização de sua candidatura. Em cartas dirigidas ao Senador Salgado Filho, afirmava saber da vontade do povo de vê-lo novamente no Catete, mas entendia que o Brasil precisava de um candidato capaz de unir as forças nacionais ³⁹. Por isso, apoiava a fórmula Jobim desde que o candidato não fosse escolhido num acordo entre partidos, feito à revelia da vontade popular; Getúlio era a favor da escolha de um candidato único, mas que fosse alguém que encontrasse boa repercussão na opinião pública. Na opinião de Getúlio, a escolha deveria ser feita a partir de um programa de governo, para então se escolher alguém para executá-lo ⁴⁰.

Ainda se dirigindo a Salgado Filho, Getúlio argumentava não ter mais intenção de exercer cargos públicos, mas entendia não poder fugir do chamado dos trabalhadores, pois este era o maior reconhecimento de seu trabalho. Alegava que sua candidatura iria dividir as forças políticas nacionais em três grupos, sendo que nenhum deles teria a maioria necessária para governar o país. O ideal, segundo ele, era que os partidos entrassem em acordo e indicassem um candidato

³⁷ Samuel Wainer. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005. p. 44.

³⁸ www.cpdoc.fgv.br. O segundo governo Vargas. Seção de multimídia. <<Acesso em Junho de 2007>>

³⁹ Cartas de Getúlio Vargas a Joaquim Pedro Salgado Filho. Arquivo CPDOC: GV c 1950.06.06/3.

⁴⁰ Documentos sobre a campanha eleitoral de 1950. Arquivo CPDOC: GV rem.s 1950.01.28.

comum, que representasse a união entre as legendas, garantindo assim a governabilidade. Como isso não aconteceu, ele acabou aceitando ser candidato.

A partir de Junho de 1950 a movimentação de Getúlio começa a tomar forma de campanha. Indicado pelo PTB para ser candidato à presidência, Getúlio afirmou que apesar dos pedidos dos trabalhadores, que vinham acontecendo nos últimos meses, essa indicação era contrária aos seus anseios. Getúlio continuava afirmando apoiar a “fórmula Jobim”, e alegou que só aceitou participar do pleito por que a fórmula não funcionou. Seus concorrentes seriam Cristiano Machado, pelo PSD e o Brigadeiro Eduardo Gomes, pela UDN. O PSD acabou sofrendo uma divisão interna, pois parte da legenda preferiu apoiar a campanha de Getúlio ao invés de apoiar o candidato do partido. A candidatura de Cristiano Machado acabou ficando esvaziada, e o abandono de um candidato por parte de seu próprio partido ganhou o apelido de “cristianização”.

A decisão aconteceu no dia 6 de junho de 1950. Getúlio escreveu a Salgado Filho afirmando saber que a Comissão Diretora do Partido Trabalhista Brasileiro, que se reuniria naquele dia, indicaria seu nome como candidato à eleição presidencial. Nessa carta Getúlio declara saber que é esta a vontade do partido e também de muitos populares que há meses o procuram pessoalmente para pedir que se candidate. Afirma que mesmo sem ter intenção de participar da disputa, aceita o chamado dos trabalhadores, pois ele representa o reconhecimento pelos anos que ele havia dedicado à vida pública. No dia seguinte, em nova correspondência a Salgado Filho, Getúlio afirma que foi com grande satisfação “pessoal e cívica” que recebeu a delegação do partido que fora até ele comunicar-lhe a escolha de seu nome, por decisão unânime, para ser o candidato do PTB à presidência da República.⁴¹

A campanha de Getúlio Vargas foi oficialmente lançada no dia 16 de Junho de 1950, em discurso irradiado de São Borja para a convenção do PTB na Capital Federal. Afastado da cena política há algum tempo, Vargas afirmou neste discurso, e em muitos outros durante a campanha, que não era sua intenção concorrer à Presidência, entretanto diante da insistência de velhos amigos e de inúmeros brasileiros que foram visitá-lo na estância Santos Reis, ele havia decidido colocar-se novamente a serviço do Brasil e do povo⁴². Não poderia

⁴¹ Documentos sobre a campanha eleitoral de 1950. Arquivo CPDOC: GV rem.s 1950.01.28.

⁴² Getúlio Vargas. *A campanha presidencial*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1951. p. 17.

recusar o voto de confiança depositado nele por tantos brasileiros, que haviam buscado por ele, pedindo que se candidatasse. Nesta ocasião Vargas também traçou planos para o novo mandato. Entre as prioridades estariam a continuidade da legislação trabalhista e sua extensão aos trabalhadores rurais; a exploração das fontes de energia elétrica e das reservas petrolíferas; o apoio à agricultura, à indústria e ao comércio; a manutenção das boas relações com os países vizinhos. De modo geral, os dois principais objetivos eram: a extensão da legislação social e independência econômica do país. Vargas ainda falaria nesta ocasião, e durante toda a campanha, da necessidade de se combater a inflação, fortemente agravada no governo Dutra.

3.2.1 - Ou se faz uma campanha organizada ou é melhor desistir

O comitê de campanha pró- Getúlio Vargas foi formado em agosto de 1950. A sede ficava na Av. Rio Branco, nº. 277, na capital federal. Funcionava, portanto, no terceiro andar do Edifício São Borja, onde durante o Estado Novo funcionou uma parte do DIP⁴³.

Apesar de sediado no Rio de Janeiro, o comitê tinha caráter nacional, e era subdividido em esferas regionais, municipais e distritais. As funções dentro do comitê eram bastante bem delimitadas, cada integrante era responsável por um aspecto da empreitada, mas a palavra final era sempre do próprio candidato. Vargas supervisionava tudo, desde os roteiros de viagem da comitiva até os custos de impressão de santinhos⁴⁴.

O documento, em papel timbrado com os dizeres “Comitê Nacional Pró-Getúlio Vargas”, estabelece que o Comitê Nacional seria formado por 5 membros. Os trabalhos estavam divididos entre 4 órgãos executivos, cada um com seu diretor, e o quinto membro da diretoria era o próprio candidato. Havia um presidente do comitê e três vice-presidentes, que eram, na verdade, os quatro responsáveis pelos órgãos executivos nacionais. Os Comitês Estaduais teriam as mesmas subdivisões do Nacional, estando, portanto, subordinados a este. E os Comitês Municipais, por sua vez, estavam subjugados ao Comitê Estadual.

⁴³ Documento contendo as atribuições do comitê. Arquivo CPDOC: GV ce 1950.08/09.00/50.

⁴⁴ O documento que estabelece o funcionamento do comitê está datilografado, mas a delegação de funções está escrita à mão; a letra parece ser de Getúlio, mas como foi possível constatar, ao longo da pesquisa, que algumas pessoas da família Vargas tinham letras bastante parecidas, não é possível saber ao certo se é mesmo a letra dele. Tudo indica que sim.

Poderiam, caso fosse necessário, ser formados Comitês Distritais, que ficariam diretamente ligados aos Comitês Municipais. Os comitês estaduais tinham sede na capital dos Estados, e os municipais e distritais também tinham sede própria.

Cada comitê estadual tinha as mesmas divisões internas do nacional, que eram as seguintes: Departamento de Coordenação Política, Departamento de Finanças, Departamento de Propaganda, Departamento de Fiscalização do Pleito.

O Departamento Nacional de Coordenação Política, chefiado por João Batista Luzardo, tinha como objetivo a organização das diretrizes políticas da campanha em perfeita articulação com os setores estaduais e com o pensamento do candidato. Como Getúlio, apesar de estar sendo apoiado pelo PTB e pelo PSD, se posicionou como um candidato acima dos partidos, a direção da campanha era dada pelo comitê e não pelos partidos. A campanha deveria ser homogênea, integrar os Estados e os partidos num único projeto nacional.

Luzardo já fora aliado e já fora oposição a Vargas. Gaúcho, como Getúlio, foi revolucionário em 1930. Assumiu a chefia de polícia do Distrito Federal ainda em 1930, e lá permaneceu até 1932, quando uma divergência com Vargas o obrigou a destituir-se do cargo.⁴⁵ Na oposição ao governo, engajou-se na Revolução Constitucionalista de 1932, levada a cabo pelos paulistas, comandando levantes contra Vargas no Rio Grande do Sul. Com o fim do movimento, exilou-se no Uruguai. Em 1934, anistiado, retornou ao Brasil e se elegeu deputado federal, tendo exercido forte oposição a Vargas durante seu mandato. Entretanto, divergências entre ele e o interventor federal do Rio Grande do Sul levaram Luzardo a se reaproximar de Vargas. Assim, em 1937 Luzardo apoiou o Estado Novo. Com o fechamento do congresso, foi nomeado embaixador no Uruguai, e depois na Argentina. Em 1945 retornou ao Brasil, e foi um dos articuladores da montagem do PSD gaúcho, que apoiou a candidatura de Dutra e a de Vargas, de quem não voltaria a ser adversário.⁴⁶

Para o Departamento Nacional de Finanças Vargas nomeou, aceitando sugestão de João Neves da Fontoura, o paranaense Dulcídio do Espírito Santo

⁴⁵ Ao assumir a chefia do Governo Provisório, após a Revolução de 1930, Getúlio garantiu plenos poderes para governar o país através da assinatura de um decreto que dissolveu o Congresso nacional, as assembleias estaduais e as câmaras municipais. Essa situação gerou conflitos entre os grupos que apoiavam Vargas: uns defendiam o prolongamento do Governo Provisório, outros defendiam a convocação da Constituinte. Luzardo era a favor da constitucionalização. Ver: Paulo Brandi. "Getúlio Vargas". IN: Alzira Alves de Abreu [et al]. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. vol. V. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001, p.5905.

⁴⁶ www.cpdoc.fgv.br <<Acesso em abril de 2007>>

Cardoso. Militar e bacharel em Direito, filho de uma família de militares (o pai fora Ministro da Guerra no primeiro governo Vargas), Dulcídio participou ativamente da Revolução de 1930 e logo depois foi nomeado chefe de gabinete do Ministério da Guerra do Governo Provisório. Era professor de História do Brasil no Colégio Militar do Distrito Federal e jornalista da cadeia *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, tendo atuado principalmente na revista *O Cruzeiro*. Durante o primeiro governo Vargas, também exerceu os cargos de chefe de gabinete do Ministério da Aeronáutica e de Secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo⁴⁷. Responsável pela criação do Comitê Pró-Getúlio Vargas, assumiu o departamento de finanças, cuja missão era: arrecadar fundos e distribuí-los para os Estados; fiscalizar e controlar o uso da verba da campanha; contabilizar as doações feitas para a campanha. Custos de viagens da comitiva, gastos com gráfica para impressão de cartazes e santinhos, despesas de montagem e desmontagem dos palanques para os comícios, tudo era registrado e submetido à aprovação de Vargas. Este departamento contava ainda com a ajuda de uma tesouraria, com 1º e 2º tesoureiros.

Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque ficou responsável pela coordenação do Departamento Nacional de Propaganda. Epitacinho, como era conhecido, era filho de João Pessoa, candidato a vice-presidente na chapa de Getúlio Vargas nas eleições de 1930. O assassinato de seu pai acabou acelerando a eclosão da Revolução de 1930. Epitacinho era, também, sobrinho-neto do ex-presidente Epitácio Pessoa. Sua família, além de políticos, tinha também muitos militares, e todos eles participaram da Revolução de 1930. Apesar de carioca, Epitacinho elegeu-se suplente de senador, em 1945, pelo Estado natal de seu pai, a Paraíba⁴⁸. Durante o afastamento de Vargas, entre 1945 e 1950, Epitácio manteve uma constante troca de correspondências com Vargas, inclusive dando sugestões para a campanha e organizando as reuniões do PTB. Sua missão à frente do departamento de propaganda era organizar os serviços de divulgação da campanha para que tomassem certa homogeneidade, fazendo com que as campanhas locais ficassem subordinadas à campanha nacional.

⁴⁷ Alzira Alves de Abreu [et al]. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. vol. I. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. p. 1086.

⁴⁸ Idem. *Ibidem*. p. 79.

Uma das atribuições desse departamento era a confecção dos santinhos que eram distribuídos aos eleitores. Mas muitas vezes, esses panfletos nasciam de idéias dos próprios eleitores, que mandavam charges, orações e poemas para Vargas. Os melhores eram selecionados e distribuídos por todo o país – e alguns desses folhetos de propaganda vinham com um pedido de que a pessoa que recebesse reproduzisse o panfleto e o distribuísse a cinco amigos, preferencialmente os mais patriotas⁴⁹. Os santinhos eram bem simples, em papel branco com letras pretas. A figura do presidente aparecia em fotografias em preto e branco ou desenhos bem-humorados, com aparência simpática, em trajes típicos de um gaúcho comum: bombachas em tecido listrado, botas, camisa xadrez e lenço amarrado no pescoço (ver anexo I). Entre os assuntos de destaque no material impresso, estavam o custo de vida e as realizações do governo Vargas. Um folheto trazia uma comparação entre itens da cesta básica em 1945 e em 1950, afirmando que alguns itens haviam triplicado de preço. Um outro trazia uma lista de motivos pelos quais Getúlio devia voltar à presidência: a realização de Volta Redonda, da Vale do Rio Doce, da Marcha Para o Oeste etc. Em um outro panfleto, o desenho de um Getúlio sorridente com o “V” de vitória nas mãos afirma que o candidato é o “remédio” para a fome que “bate à porta” dos brasileiros⁵⁰. Ao mesmo tempo em que saúdam o candidato Getúlio Vargas, esses panfletos exercem uma crítica ao governo Dutra ao afirmar que a vida era melhor antes de 1945.

A campanha também contou com recursos audiovisuais. As músicas produzidas para a campanha tinham letras simples, curtas, fáceis de serem memorizadas, e melodias animadas e populares, parecidas com as marchinhas de carnaval. Uma delas, intitulada *Nós queremos* reforça o discurso otimista de Getúlio, de que pátria será “grande e forte”, e convoca os eleitores a se alistarem no PTB para ajudar Getúlio a voltar para o Catete, pois só ele poderá melhorar a situação do povo:

Nós queremos Getúlio eleger
 A nossa pátria grande e forte vamos ter
 No PTB vamos todos entrar
 Para Getúlio ao Catete voltar
 Getúlio Vargas, conte com a vibração

⁴⁹ Documentos sobre a campanha presidencial de 1950. Arquivo CPDOC: GV ce 1950.08/09.00/53.

⁵⁰ Documentos sobre a campanha eleitoral de 1950. Arquivo CPDOC: GV rem.s 1950.01.28.

Ao nosso povo, melhor situação
Somente você sereis a nossa salvação⁵¹

A marchinha *Ele voltará* é um resumo da campanha em ritmo de samba: aborda o custo de vida, ataca o governo Dutra, recupera o trabalhismo, afirma que o povo só votará em Getúlio e que só ele poderá resolver os problemas do país:

*Volte novamente excelência
Volte para nossa presidência
Preferimos um Gegê trabalhador
A nossa melhora depende do senhor
Vossa excelência tem que voltar
Não queremos outro em seu lugar
Todo sabe a nossa situação
Vem tudo aumentando, (...) arroz e feijão
Por isso volte novamente excelência...*⁵²

Os recursos audiovisuais também contaram com filmes, que misturavam cenas da campanha de 1950 com imagens das décadas anteriores. A campanha de 1950 vai construir uma memória positiva do primeiro governo Vargas, baseada em elementos do Estado Novo. Temas, ações e imagens serão revisitados a fim de despertar saudades no eleitor. Os filmes *E ele voltará* e *Uma vida a serviço de Brasil* registram a passagem da comitiva varguista pelos Estados. Alguns trechos desses vídeos estão disponíveis no *site* do Centro de Documentação da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC), assim como dezenas de fotografias, que também registram os comícios de Vargas. Voltaremos a esses recursos mais adiante.

O jornalista e bacharel em Direito Mozart Brasileiro Pereira do Lago, à frente do Departamento Nacional de Fiscalização do Pleito, ficou com a responsabilidade de desenvolver meios de inspecionar a realização do pleito, a fim de evitar fraudes. Como jornalista, atuou em diversos veículos, tais como o *Jornal do Comércio*, *Gazeta de Notícias*, *A Manhã* e *A Noite*. Foi diretor da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), instituição da qual também foi consultor jurídico. Nascido em Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, foi deputado estadual em 1923, e deputado federal em 1930 pelo Distrito Federal.⁵³

⁵¹ *Nós queremos* (título original). Compositores: Jair Gonçalves e Luís Carlos Silveira; Intérprete: Ernani Ayrosa da Silva; Rio de Janeiro, 1950. Arquivo CPDOC: GV disco 009.

⁵² *Ele voltará* (título original). Compositor: Jair; Intérprete: Ernani Ayrosa da Silva; Rio de Janeiro, 1950. Arquivo CPDOC: GV disco 010.

⁵³ Alzira Alves de Abreu [et al]. *Dicionário histórico- biográfico brasileiro pós-1930*. vol. III. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. p. 3004.

Sobre os comitês estaduais o documento estabelecia que deveriam ter a mesma organização do Comitê Nacional, também elegendo até cinco membros, sendo um de cada uma das correntes políticas que apoiavam Vargas.

Sobre os comitês municipais, ficava acertado que, em entendimento com os órgãos estaduais, tomariam todas as providências necessárias para a divulgação da campanha de Getúlio Vargas e dos candidatos que fizessem parte dos acordos políticos firmados nos Estados. Deveriam ainda desenvolver e executar a logística de distribuição de cédulas candidatos, de modo que todas as seções eleitorais fossem abastecidas com antecedência. E no caso de haver necessidade da formação de comitês distritais, os municipais também ficavam com a responsabilidade de supervisionar os trabalhos destes.

O Comitê Pró-Getúlio Vargas ainda contava com uma secretaria, formada por um secretário geral, um 1º e um 2º secretários. A secretaria tinha uma subdivisão interna: um Serviço de Expediente, um Serviço de Comunicação e Arquivo e uma Seção de Contabilidade. O Serviço de Comunicação e Arquivo realizava uma espécie de *clipping*⁵⁴, anotando as notícias veiculadas nos jornais e revistas que tivessem algo a ver com a campanha getulista.

Sobre as funções do comitê o documento esclarecia que, além de organizar os detalhes da campanha, o grupo também deveria estabelecer o programa de viagens do candidato, marcando dias, horários e locais dos comícios, e preparar os esboços dos discursos, que deveriam ser apresentados a Getúlio com 4 ou 5 dias de antecedência para eventuais modificações. Afirmava que o candidato não podia partir para uma viagem “aventurosa ou de improvisações” e que sem organização, e sem plano, estaria “destinado ao fracasso”. Após estabelecer as regras, o documento finalizava: “ou se faz isso ou é melhor desistir”⁵⁵.

Estabelecido o comitê, era hora de organizar a excursão do candidato. A comitiva viajava em dois aviões com cerca de 15 pessoas cada um. Entre as pessoas que tinham lugar garantido na viagem, destacam-se Batista Luzardo, João Neves da Fontoura, o jornalista Samuel Wainer, e Gregório Fortunato, o guarda-costas de Getúlio, que carregava consigo mais quatro assistentes.

⁵⁴ Documentos sobre a campanha presidencial de 1950. Arquivo CPDOC: GV ce 1950.08/09.00/50.

⁵⁵ Idem.

De avião também seguiam os questionários que eram enviados para os diretórios regionais do PTB, perguntando quantos eleitores havia no Estado; quantos eleitores haviam sido alistados no PTB desde a última eleição; quantas cédulas “para presidente: Getúlio Vargas” eram necessárias para cobrir todo o Estado ⁵⁶; quantas já haviam sido recebidas e quantas faltava receber; quantos votos são esperados para Getúlio Vargas no Estado, pedindo que fossem citados cidades e votos nominalmente, e que a mesma coisa fosse feita para os deputados federais e estaduais do PTB. A partir destes questionários, eram elaborados relatórios indicando a quantidade de cédulas necessárias, qual o custo de impressão e qual seria a logística de distribuição.

3.3 – Rumo ao Catete

A jornada de Getúlio Vargas durante a campanha durou pouco mais de 50 dias. Começou no dia 9 de agosto em Porto Alegre, e terminou no dia 30 de setembro em São Borja, sendo que nesse intervalo de tempo passou por todos os Estados da federação, incluindo o Distrito Federal. As linhas gerais da campanha eram apresentadas a cada parada da comitiva, entremeadas por assuntos de interesse específico da platéia ouvinte. Em todas as cidades por onde passou, Vargas ressaltou que ele e seu público eram conhecidos de longa data e sabiam o que esperar um do outro, porque tinham uma relação de confiança. Segundo suas próprias palavras, ele, mesmo estando afastado da política e auto-exilado em sua fazenda em São Borja, havia sido convocado pelo povo a ser candidato porque o povo confiava nele. E aceitara porque confiava em seu público e sabia que seus votos não lhe faltariam. Em todas as paradas que fez, usando um tom sempre íntimo de quem conversa com amigos, o ex-presidente falou das características culturais dos seus ouvintes, destacou filhos famosos da cidade onde estava, disse saber dos problemas da região e propôs soluções e opções de crescimento – sem nunca deixar de notar que ele, por sua vez, era um velho amigo dos trabalhadores e que todos conheciam seu trabalho e sua disposição para melhorar a vida do trabalhador. Apesar de sua candidatura ter sido lançada por uma aliança entre PTB

⁵⁶ Ainda não existiam, no Brasil, as cédulas eleitorais oficiais. Os partidos e candidatos mandavam imprimir as cédulas e distribuía-m pelo país. Essas cédulas ficavam na cabine de votação. O eleitor recebia um envelope oficial, no qual deveria inserir uma cédula e depois lacrar e depositar na urna. Sobre isso ver: Jairo Nicolau. *O voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

e PSD, Vargas dizia-se um candidato apartidário: era, sobretudo, um candidato do povo.

A campanha foi dividida em três partes: a primeira empreendia as regiões norte e nordeste, mas a equipe getulista se referia à esta etapa como “viagem ao norte”. A segunda fase, que foi simplesmente chamada de “segunda parte da campanha”, compreendia as regiões centro-oeste, leste e sul do país⁵⁷. A terceira etapa era restrita às cidades do Rio Grande do Sul e, portanto, foi chamada de “roteiro gaúcho” ou “campanha do Rio Grande”.⁵⁸

O cenário que se apresentava à campanha de 1950 tornava fundamentais três palavras: eletrificação, transportes e crédito. O mundo se recuperava da Segunda Guerra, gerando uma reorganização dos mercados e das relações de importação e exportação. Era o momento de o Brasil deixar de ser um país agrário para se tornar uma nação industrializada. Nesse sentido, o crédito, através do Banco do Brasil, era essencial para começar o negócio. Para aumentar a produção, as fábricas precisavam de energia elétrica, que as possibilitasse o uso de maquinário e a ampliação da jornada de trabalho para dois turnos, ao invés de um. E para escoar a produção, precisavam de meios de transporte – sendo que com a crescente popularização do automóvel, além das estradas de ferro, ganhavam cada vez mais importância as estradas de rodagem⁵⁹. Atento a este cenário, o candidato Getúlio Vargas transformou essas três palavras (eletrificação, transportes e crédito) nas suas principais bandeiras nacionais de campanha, ao lado da legislação trabalhista. Acompanhando os jornais da época, notamos que enquanto os candidatos da UDN e do PSD falavam de valores abstratos, como democracia, liberdade e justiça, o candidato do PTB, Getúlio Vargas, falava de trabalho, de melhoria nas condições de vida, de aproveitamento das potencialidades econômicas de cada região.

⁵⁷ Documentos sobre a campanha presidencial de 1950. Arquivo CPDOC: GV ce 1950.08/09.00/50.

⁵⁸ Documentos sobre a campanha presidencial de 1950. Arquivo CPDOC: GV ce 1950.08/09.00/51.

⁵⁹ Vale observar que boa parte do sistema rodoviário ainda não era pavimentada, dificultando ainda mais o transporte de cargas. Sobre isso ver: Cyro Rezende. *Economia Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Editora Contexto, 1999.

3. 4 – A campanha na estrada: revisitando o passado, projetando o futuro

A excursão da comitiva getulista começou em Porto Alegre. Para iniciar seu discurso, Vargas destacou a importância do Rio Grande do Sul em sua vida pessoal, e afirmou não haver melhor local para iniciar a campanha, pois a cidade gaúcha concentra diversos fatores culturais e econômicos que representam a diversidade do Estado. Vargas justificou sua candidatura lembrando as inúmeras visitas que recebeu na Estância Santos Reis, que ocasionaram a escolha de seu nome falou sobre as pessoas que foram procurá-lo na Estância Santos Reis – pobres, humildes, trabalhadores, camponeses, operários - falou sobre a honestidade das eleições a serem realizadas, afirmando que a democracia garantiria sua vitória nas urnas. A seguir falou sobre planos específicos para Porto Alegre: os dois pontos-chave seriam a irrigação e a eletrificação. O seu governo também desenvolveria um plano de defesa contra as enchentes, que eram frequentes na região. Demonstrando que era bom conhecedor da economia local, destacou a importância da cultura do arroz, do fumo, do trigo, e também lembrou das indústrias da madeira e da lã. O governo garantiria aos produtores boas condições de trabalho, liberando crédito e comprando os excedentes. Para encerrar este primeiro discurso Vargas defendeu a manutenção do ensino religioso nas escolas, para manter vivo o sentimento cristão e fortalecer as famílias.

Os demais discursos da campanha seguiriam esse modelo: a fala do candidato procurava sempre destacar assuntos de interesse particular da platéia e corresponder às necessidades da região, apontando os problemas e apresentando soluções. Expondo as idéias em linguagem simples e clara, Getúlio procurava estabelecer uma conversa direta com o eleitor, traçando estratégias práticas para os problemas regionais e nacionais, ao mesmo tempo em que envolvia a platéia em situações emotivas, ao elogiar características da localidade ou relacionar a importância daquela cidade em sua trajetória pessoal. Nesta etapa inicial, Vargas visitou as capitais do Rio Grande do Sul, São Paulo, e Rio de Janeiro – que, como já vimos, eram os estados mais importantes na opinião do idealizador da campanha, João Neves – e também a cidade mineira de Pirapora. A escolha desses lugares não foi aleatória: na fase inicial da campanha há poucas informações circulando sobre a candidatura e ainda há muitos eleitores indecisos. Nessa etapa, qualquer informação ganha peso relevante para o eleitor. A presença de Vargas no

seu Estado natal e nos três Estados politicamente mais tradicionais garantiria uma boa repercussão de seus discursos.⁶⁰

De Porto Alegre a comitiva seguiu para São Paulo. As outras cidades do sul do país seriam visitadas mais tarde, na reta final da campanha. No Estado de São Paulo Vargas visitou a capital e a cidade de Santos. Mais adiante voltaria ao Estado para visitar outras cidades.

Os discursos a serem proferidos em São Paulo foram escritos por Cassiano Ricardo, um paulista, sob orientação de João Neves da Fontoura⁶¹. Cassiano Ricardo era jornalista, escritor e poeta, participante do movimento modernista da década de 1920. Durante o Estado Novo ocupou diversos órgãos ligados à Imprensa: o departamento cultural da Rádio Nacional; o jornal oficial do governo, *A Manhã*; e o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda de São Paulo, do qual foi diretor. É de Cassiano Ricardo também a autoria da publicação *Marcha para o Oeste*, que fazia uma comparação entre o movimento bandeirante do século XVI e o esforço de povoar o interior do país promovido por uma campanha durante o Estado Novo. Os discursos encomendados a Cassiano Ricardo deveriam abordar as razões político-ideológicas da aliança entre Vargas e Adhemar; a questão da imigração, elogiando cada núcleo da colonização nacional (alemães, italianos, portugueses e espanhóis); e finalmente fazer uma explanação completa sobre a situação do café. Esses assuntos ficaram divididos entre a capital do Estado e a cidade portuária de Santos. Na capital Vargas lembrou do passado bandeirante dos paulistas, que desbravaram o oeste do Estado, demonstrando empreendedorismo e sentimentos de coragem e confiança no crescimento do país. Getúlio sempre iniciava os discursos exaltando alguma característica cultural da região, criando um laço emotivo entre ele e a platéia. Assim, despertava a atenção das pessoas, que se viam refletidas naquele discurso.⁶²

O café, principal produto da economia paulista, não poderia deixar de ser lembrado: Vargas recordou o apoio de seu primeiro governo às forças de produção do café e aos seus trabalhadores e afirmou que o café daria ao Brasil a possibilidade de pagar a dívida externa, pois ainda era o nosso principal produto

⁶⁰ Cf. Thomas M. Holbrook. *Do campaigns matter?* Londres: Sage Publications, 1996. p. 90.

⁶¹ Documentos sobre a campanha presidencial de 1950. Arquivo CPDOC: GV c 1950.06.27.

⁶² Flávio Eduardo Silveira. "A dimensão simbólica da escolha eleitoral". IN: Rubens Figueiredo (org). *Marketing político e persuasão eleitoral*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000, p. 122.

de exportação. Sobre a questão do café, além de Cassiano Ricardo, também contribuiu João Daudt de Oliveira, fundador da Confederação Nacional do Comércio, que realizou pesquisas sobre a situação da lavoura cafeeicultora e propôs pontos a serem destacados nos discursos. As pesquisas organizadas pelo comitê de campanha de Getúlio, sobre vários aspectos econômicos e sócio-culturais, possibilitaram sintonizar o discurso do candidato com as expectativas do eleitorado. Hoje, as pesquisas de opinião são consideradas indispensáveis e são o ponto de partida de qualquer campanha, mas em 1950 eram uma atividade incipiente no Brasil – somente em 1989 as campanhas políticas brasileiras passaram a ser totalmente baseadas em pesquisas de opinião.⁶³

O algodão, outro importante produto da economia paulista, também receberia atenção especial no novo governo Vargas. Segundo o discurso getulista, o governo Dutra havia praticamente abandonado as indústrias de algodão. Getúlio afirmava só haver prosperidade quando pudessem caminhar juntas a indústria, o comércio e a lavoura⁶⁴. Pensando nisso, uma das propostas de seu novo governo era a organização do Ministério da Economia, que ficaria responsável por orientar as finanças públicas. Outra proposta importante que seria repetida em vários pontos da campanha era a reforma agrária: condicionar o uso da terra a uma finalidade social, financiando pequenos produtores, amparando as cooperativas e liberando crédito para as lavouras através da criação do Banco Rural. A extensão dos direitos trabalhistas aos camponeses também foi citada por Vargas, lembrando que o sentimento de gratidão e confiança das classes trabalhadoras para com ele era tão somente a generosa retribuição à política social implantada em seu primeiro governo.

Na série de vídeos que se encontra na página do CPDOC há um que mostra a passagem da comitiva por São Paulo (ver anexo I). O vídeo afirma que o comício paulista foi assistido por cerca de 300 mil pessoas⁶⁵ e informa que Getúlio foi o primeiro candidato a reunir o eleitorado paulista, inaugurando a campanha presidencial na cidade. O governador de São Paulo, Adhemar de Barros, aparece ao lado de Getúlio no palanque e também em enormes cartazes

⁶³ Márcia Cavallari Nunes. “O papel das pesquisas”. IN: Rubens Figueiredo (org). *Marketing político e persuasão eleitoral*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000, p.44.

⁶⁴ Vargas. *op. cit.*, p. 65.

⁶⁵ *A campanha em São Paulo*. IN: A era Vargas. E ele voltou... seção Multimídia: www.cpdoc.fgv.br <<Acesso em junho de 2007>>

que a multidão carrega. As imagens mostram muitas faixas pintadas com palavras de apoio ao candidato, sugerindo que os paulistas se prepararam para recebê-lo – uma forma de atestar a adesão do Estado de São Paulo à candidatura de Getúlio. O locutor destaca que a multidão recebeu o candidato com grande entusiasmo, aos gritos de “Getúlio! Getúlio!” e que Vargas reafirmou que sua campanha não nasceu de conchavos políticos, mas da “vontade soberana do povo”. A voz animada do locutor sugere que o encontro foi uma grande festa. A entonação da voz que narra a propaganda do candidato é importante para transmitir entusiasmo e confiança ao eleitor, que passar a querer fazer parte da campanha.⁶⁶

Em Santos o ponto principal foi o porto. Vargas lembrou importância do porto de Santos como porta de entrada no território brasileiro, e também de saída, pois foi de lá que saíram nossas primeiras exportações de café, devido à expansão das plantações rumo ao oeste, marcha que os santistas ainda naquele tempo praticavam. Vargas afirmou que o café foi sempre uma preocupação sua, e que sempre procurou assegurar o progresso da atividade. Mesmo após a crise de 1929, quando teve que tomar medidas de emergência, procurou assegurar ao menos a normalidade da vida cafeeira. Em várias oportunidades Getúlio afirmou que se não fez melhor, é por que tinha feito o melhor possível dadas as condições da época.

O porto, então, era um ponto de interesse nacional, pois o comércio dependia dele. E não só para escoar a produção e trazer novos produtos, mas como porta de entrada para a imigração, que, segundo Vargas, não deveria ser encarada com um problema e sim com positividade. Além de ajudar a povoar o país, que tinha muitos territórios carentes de população, o imigrante vinha trazer experiência e novas técnicas.

De São Paulo, Vargas seguiu para a capital da República, Rio de Janeiro. Em editorial do dia 12 de agosto, data do discurso de Getúlio no Estádio do Vasco da Gama, o jornal *Correio da Manhã* afirmava que Getúlio seria assistido por uma multidão de “ingênuos e saudosistas” e ironizava o presidente afirmando ser possível antever tudo o que o “ditador” diria⁶⁷. Entre as previsões do jornal estavam a liberdade de imprensa e a autonomia do Distrito Federal. Os assuntos abordados pelo candidato foram temas de interesse geral, além de algumas

⁶⁶ Dilma Teixeira. *Marketing político e eleitoral*. Osasco: Novo Século Editora, 2006.p.189.

⁶⁷ *Correio da Manhã*, 12 de agosto de 1950.

memórias de seu primeiro governo. A julgar pelos temas escolhidos o candidato esperava que as palavras ditas neste discurso chegassem, de alguma forma, a outras partes do país. Por se tratar da capital federal, é provável que a platéia do Rio de Janeiro abrigasse ouvintes de diferentes partes do território nacional, e mais uma vez o candidato apostava na forte propagação de informações que se dá no início da campanha. Para este discurso, contribuiu o carioca Henrique de Toledo Dodsworth, deputado federal pelo Rio de Janeiro, que durante todo o período do Estado Novo havia sido interventor estatal no Rio de Janeiro. Dodsworth escreveu o esboço do discurso sob a orientação de João Neves da Fontoura⁶⁸.

Vargas lembrou que os festejos do Dia do Trabalho, que sempre aconteciam na capital da República, foram o recurso usado para lembrar ao povo que antes de 1930 nada se fazia pelo proletariado. Só em seu governo o dia do trabalho passou a ser festejado, em grandes manifestações populares, em que o próprio Presidente falava aos trabalhadores, anunciando novas leis trabalhistas: “porque não se conquista a amizade popular com palavras, mas com atos”.⁶⁹

Vargas também aproveitou a visibilidade que a capital dava a seu discurso para comentar a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Disse que tomou tal decisão acatando a vontade do povo e que se tratava da defesa da honra nacional. E afirmou que apesar de estar em guerra, o país continuou a crescer e o desenvolvimento foi mantido.

De seu primeiro governo, Vargas também lembrou a construção dos edifícios ministeriais, que além de embelezarem a cidade, representaram uma economia brutal em aluguéis e deram melhores condições de trabalho ao funcionalismo público, permitindo que os serviços fossem prestados com mais eficiência.

Sobre a acusação de ter abandonado o Senado, se justificou dizendo que formara-se à sua volta “um ambiente irrespirável”, pois ele era visto como uma ameaça constante ao regime, o “ex-ditador”, o “conspirador incorrigível”.

A capital foi ainda palco para a questão da inflação: Vargas lembrou que depois de seu afastamento as reservas no exterior, cerca de 700 milhões de

⁶⁸ Carta de João Neves a Getúlio Vargas. Arquivo CPDOC: GV c 1950.06.27.

⁶⁹ Vargas. *op. cit.*, p. 92

dólares, diluíram-se na importação de artigos luxuosos e inúteis. A inflação reapareceu, a vida encareceu e os impostos subiram, afetando a vida das famílias.

Encerrando o discurso, o ex-presidente reafirmou que os trabalhadores o foram buscar em seu retiro para ser candidato e se ali estava, não era por vontade própria, mas para atender a um chamado do povo. E pronunciou a frase que ficaria famosa: “Se for eleito em 3 de outubro, no ato da posse, o povo subirá comigo as escadas do Catete. E comigo ficará no Governo”⁷⁰.

A comitiva permaneceu no Rio de Janeiro mais alguns dias e seguiu para Minas Gerais, onde visitaria, nesse primeiro momento, somente a cidade de Pirapora. Mais tarde a comitiva retornaria a Minas para visitar mais cinco cidades e também ao Rio de Janeiro, para visitar mais quatro cidades.

No dia 19 de agosto, em Pirapora, Getúlio elogiou o Estado de Minas Gerais por ser importante para o país por vários motivos: a riqueza do subsolo, a quantidade de seus rebanhos, a diversidade de culturas agrícolas, pelas indústrias prósperas e variadas, pelo prestígio de suas faculdades e escolas e principalmente pelas virtudes de sua gente. Segundo lembrou Vargas, o grito da Revolução de 1930 partiu do solo mineiro e, portanto Minas teria a responsabilidade de dar continuidade à obra iniciada para exigir o respeito à vontade da maioria. A luta em 1950 era a mesma de 1930, segundo ele, só que com uma grande diferença: o voto secreto. Provavelmente não por coincidência nesse mesmo dia os jornais *Correio da Manhã* e *Tribuna da Imprensa* traziam editoriais versando sobre o direito de voto. O primeiro trazia a opinião do Brigadeiro Eduardo Gomes, afirmando que a campanha de 1950 ganhava autenticidade através do voto ⁷¹, e o segundo informava que em discurso na Bahia o candidato pessedista Cristiano Machado havia afirmado que em virtude das eleições livres sua campanha pretendia conquistar as massas de votantes através do esclarecimento ⁷².

Sem deixar de lado as particularidades do povo de Pirapora, Vargas notou que a cidade é o ponto central da região e ponto de ligação entre as estradas de ferro Central do Brasil e Leste Brasileiro. Em sua primeira administração tentou unir as duas estradas, mas não teve tempo de concluir as obras que, com sua saída do governo, ficaram paradas. No novo mandato pretende concluir a ligação, pois

⁷⁰ Idem. Ibidem. p. 101

⁷¹ *Correio da Manhã*, 19 de agosto de 1950.

⁷² *Tribuna da Imprensa*, 19 de agosto de 1950.

considera assunto de interesse nacional - já que Pirapora é a ligação entre o centro e o sul do país e está, assim, fadada ao progresso e a grandes contribuições ao crescimento da nação. O otimismo é um elemento importante nos discursos políticos, pois gera um sentimento de confiança no eleitor, que entende que o candidato tem disposição para fazer as mudanças necessárias.⁷³

Getúlio e companhia seguiram, então, para as regiões norte e nordeste do país, onde começaram a peregrinação pela cidade de Carolina no Maranhão, no dia 20 de agosto. Nesse mesmo dia a comitiva ainda visitaria outras três cidades: duas no Pará e a capital amazonense.

Em Carolina o ex-presidente disse saber que o povo da região enfrentava duros problemas de sobrevivência, mas era exemplo de nacionalismo e esforço construtivo, pois mesmo diante dos problemas contribuía para o crescimento do país. Lembrou que em seu primeiro governo foram elaboradas duas estradas de rodagem em atendimento às solicitações do povo carolinense e disse saber dos intuítos de construção da Estrada de Ferro Tocantins, que uniria Carolina a São Luís. Prometeu que se eleito, construiria a estrada. Em muitos momentos da campanha Getúlio lembrou projetos de seu primeiro governo que ficaram parados por falta de tempo ou de verba, mas que no novo mandato seriam retomados. Esta é uma técnica muito comum hoje em dia, e na campanha de Getúlio foi uma forma de lembrar ao público os benefícios de sua atuação, gerando a esperança de dias melhores em seu segundo governo.⁷⁴ Ele prometeu também restaurar a Estrada de Ferro São Luís-Teresina, para facilitar o escoamento da produção. Como em muitos outros momentos da campanha, prometeu financiamento a juros baixos para as lavouras e criações. E de lá seguiu para Marabá, no Estado do Pará.

Em Marabá, seguindo sua estratégia de demonstrar intimidade com as questões regionais da platéia, o candidato elogiou as produções de cacho e castanha, que transformaram a cidade no centro distribuidor de utilidades da região banhada pelo Tocantins. Propôs a reforma do porto de Marabá, a fim de ampliar as possibilidades de comércio da região. Propôs também que a área urbana da cidade fosse transferida para terras mais altas, a fim de evitar as enchentes, que eram constantes na região. Prometeu a criação de uma agência do

⁷³ Teixeira. *op. cit.*, p.155.

⁷⁴ Idem. *Ibidem.* p. 154

Banco do Brasil e a construção da Estrada de ferro Tocantins-Araguaia. Ainda seguindo a estratégia de campanha, falou também de assuntos de interesse nacional: garantiu que no novo mandato construiria um governo realmente democrático, devotado às aspirações de paz, bem-estar e justiça social.

Ainda no Estado do Pará, Vargas foi a Santarém. Lembrou que a cidade histórica foi o marco dos primeiros traços de civilização e de progresso na região amazônica, mas que não estava recebendo a devida atenção do governo. Afirmou que em sua gestão a região amazônica sempre mereceu atenção especial e verbas federais dedicadas ao vale amazônico, sendo realizações de sua administração: o Serviço Social de Saúde Pública (rede de hospitais), aeroportos, o Banco de Crédito da Borracha. Esta era uma outra forma de Getúlio criar laços de identificação com a platéia: retomar as ações de seu primeiro governo. Essa tática tinha um duplo efeito: emocional e racional. Emocional por que provocava boas recordações no público, gerando um sentimento positivo, e racional por que indicava melhorias reais nas condições daquela localidade. Para o novo mandato, prometeu voltar a amparar a indústria da borracha e aparelhar o Banco de Crédito da Borracha para dar assistência aos seringueiros. A juta, outra lavoura amazonense nascida sob incentivos de seu primeiro governo, também foi assunto deste discurso. Vargas prometeu que se tivesse oportunidade de um novo mandato, procuraria favorecer o beneficiamento e a industrialização da juta ali mesmo na região da Amazônia, oferecendo crédito fácil e juros baixos aos que quisessem investir em tal produto. Observou que este produto da região estava sendo igualmente negligenciado pelo governo Dutra e que, se o negócio se desenvolvia, era somente graças aos esforços pessoais dos produtores. Ao mesmo tempo em que atacava o governo Dutra, Vargas valorizava os trabalhadores da juta. O governo Dutra foi o inimigo eleito por Vargas para ser atacado durante a campanha, no sentido de intensificar os descontentamentos do povo, reforçando a imagem de que antes de Dutra, ou seja, no seu primeiro governo, a vida era melhor. Quanto maior a insatisfação do eleitorado com o governo em exercício, maiores as chances do candidato de oposição⁷⁵. Ao colocar em evidência as falhas do governo Dutra, Getúlio também valorizava aspectos de seu governo anterior e projetava ações para o novo mandato.

⁷⁵ Holbrook. *op. cit.*, p.10

Saindo de Santarém, Vargas foi à capital do Amazonas, Manaus. Esta seria a última cidade a ser visitada no dia 20. Lá os temas de destaque foram a floresta amazônica e a questão populacional. O candidato observou que a região necessitava urgentemente ser povoada e explorada, pois as fertilíssimas terras amazonenses trariam riquezas e crescimento econômico para o país. Seu projeto para a região era uma Amazônia tipicamente brasileira, que promovesse a integração econômica e social da bacia do rio Amazonas. Para isso, pretendia estabelecer um estatuto especial e facilidades comerciais para facilitar o desenvolvimento da região, e retomar o plano nacional das colônias agrícolas, com objetivos de povoamento e otimização do uso da terra. A borracha era o produto de destaque, mas o pescado, outro artigo importante, também mereceria atenção especial: era urgente melhorar as condições de navegação fluvial, que era a base do sistema de transportes na região, e proporcionar meios de industrialização do pescado, para melhorar o preço do produto final e tornar a região mais independente. Outro ponto de destaque neste discurso foi a necessidade de assistência médica e técnica aos trabalhadores amazonenses.

De Manaus a comitiva varguista voltou ao estado do Pará, e desta vez visitou a capital, Belém. Vargas começou a oração⁷⁶ se referindo à índole do povo belenense: gente trabalhadora acima de tudo. Mais uma vez falou dos problemas do território amazônico e dos esforços de seu primeiro governo para impulsionar a região. Lembrou o Serviço Social de Saúde Pública; os esforços para o aperfeiçoamento do cultivo da borracha e de outras plantas econômicas da região, com a criação do Instituto Agrônomo do Nordeste; a fundação do Banco de Crédito da Borracha; a Companhia de Navegação do Amazonas e a construção do porto de Belém. A proposta para a região era dar continuidade aos trabalhos iniciados em sua administração anterior e ainda: a melhoria das condições de navegação fluvial, e a industrialização da borracha. Atento à estratégia de sempre tratar de assuntos locais e também de temas gerais, Vargas escolhe a capital paraense para falar da Marinha Mercante Brasileira.

Depois de Belém Vargas visitou outra capital: São Luís, no Maranhão, dia 22 de agosto. Elogiou a cidade, principalmente pela quantidade de intelectuais saídos de lá, tais como Gonçalves Dias. Comparou São Luís a Atenas, na Grécia,

⁷⁶ Em várias correspondências, ao se referirem aos discursos pronunciados por Getúlio, seus aliados utilizam a palavra “oração” para se referir ao texto a ser proclamado.

pela equivalente efervescência cultural. Afirmou ter sempre procurado participar de todas as manifestações culturais que pretendessem valorizar nossa cultura e resguardar a nossa história, porque julgava que a harmonia entre o poder público e a cultura gerava o progresso. Relembrou algumas realizações de seu governo no campo da educação e da cultura: criação do Ministério da Educação e Saúde, restauração do ensino em todo o país, escolas de ensino comercial e técnico, cursos de especialização nas universidades, criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, criação do Instituto do Livro, criação do Serviço Nacional do Teatro, apoio e incentivos ao cinema. Nesse mesmo dia o jornal *Tribuna da Imprensa* trazia um editorial assinado por Carlos Lacerda, sobre a criação de uma indústria cinematográfica no Brasil, em que afirmava que o cinema deveria ser atividade cultural obrigatória.⁷⁷ Ao mesmo tempo em Getúlio sintonizava seu discurso com platéia, colocando suas características em destaque, também estabelecia um debate com os assuntos em pauta na imprensa.

Saindo do campo da cultura, Getúlio recuperou outras ações de seu governo anterior: construção o leprosário do Maranhão, e assentamento das famílias rurais através da Colônia Agrícola Nacional do Maranhão – projeto a ser retomado no segundo mandato. Outros projetos para a nova temporada no Catete eram: a construção de estradas e linhas férreas que permitissem escoar a produção maranhense e melhorar as condições do porto. A fiscalização do cumprimento das leis trabalhistas era uma meta nacional, e também pretendia aumentar o salário dos trabalhadores sem prejuízo das empresas: trabalhador bem remunerado trabalha melhor e consome mais.

No dia 19 de agosto uma matéria no *Correio da Manhã* afirmava que as forças políticas brasileiras consideravam o voto do eleitor como alguma coisa “dirigida coercitivamente pelo temor do estado e pela corrupção do dinheiro”. E afirmava ainda que Getúlio Vargas não era um homem de fidelidade, mas de oportunidade.⁷⁸ Durante o discurso no Maranhão, Vargas falou sobre sua relação com os trabalhadores: “Encontrei, é certo, o apoio do proletariado, não porque pretendesse fomentar a luta de classes, mas porque as minhas idéias se filiavam a

⁷⁷ *Tribuna da Imprensa*, 22 de agosto de 1950.

⁷⁸ *Correio da Manhã*, 19 de agosto de 1950.

um movimento universal de humanização do trabalho e de consagração da igualdade de direitos e de oportunidades para todos na luta pela vida.”⁷⁹

Vargas afirmou ainda que o Brasil estava em dívida com o Maranhão: o Estado possuiria grandes fontes de riquezas mal exploradas e estaria precisando de mais atenção por parte do governo federal. E de lá partiu para o Piauí, onde no mesmo dia visitaria a capital, Teresina, e a cidade de Parnaíba no dia seguinte.

Em Teresina, Vargas tomou as dores do eleitorado dizendo que apesar das grandes possibilidades, do solo fértil, dos vastos campos de pastagens, o Estado não tinha o apoio da União, apesar de esta ter a obrigação de ajudar as unidades mais fracas da federação – mais uma vez, atacava o governo Dutra. No Piauí, era preciso ampliar as bases da economia: estudar possibilidades de aproveitamento dos vales do Parnaíba, garantir financiamento público para a agricultura, promover a extensão das plantações, melhorar a qualidade dos rebanhos. E, mais uma vez, falou sobre melhorias no sistema de transportes. Propôs também implantar a industrialização da carnaúba, do babaçu e do buriti extraídos na região, com o objetivo de impulsionar a economia do Estado. De seu primeiro governo, lembrou que foram concluídas as obras da rodovia Teresina-Fortaleza e também que foi criada a Colônia Agrícola Nacional do Piauí, órgão cujo objetivo era prestar assistência técnica aos trabalhadores rurais, além do fornecimento de sementes e material de trabalho, e da doação de lotes para as famílias do campo.

Em Parnaíba Vargas continuou falando sobre a falta de atenção ao Estado por parte da União. Afirmou que o Brasil tinha uma dívida com o Piauí que precisava ser saldada. Falou novamente sobre a possibilidade de industrialização da carnaúba na própria região. Por fim, despediu-se afirmando que projetava uma Parnaíba desenvolvida, de que seus habitantes pudessem se orgulhar.

Saindo do Piauí, Vargas foi à Fortaleza, capital do Ceará. Lá o principal tema abordado foram as secas. O ex-presidente lembrou as obras realizadas em seu primeiro governo para tentar abrandar o problema: construção de açudes, irrigação das terras, perfuração de poços, abertura de rodovias ligando o litoral ao sertão, criação dos Postos Agrícolas - mantidos pela Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, para prestar contínua assistência às populações do sertão. Lembrou que foi preocupação constante em sua administração proporcionar o

⁷⁹ Vargas. *op. cit.*, p. 140.

desenvolvimento da agricultura e da pecuária na região, e a atividade pesqueira também teve destaque através da criação da Comissão Técnica de Piscicultura do Nordeste. A construção de estradas de rodagem iniciada no primeiro governo seria retomada no segundo. Disse ter aceitado o chamado do PTB e dos trabalhadores porque estes nunca lhe haviam negado apoio. Mais uma vez, afirmou ser um candidato do povo e não de partidos: era representante das aspirações populares e se aceitara ser candidato era para atender ao chamado dos humildes. No final deste discurso Vargas reafirmou que seguia os preceitos do Cristianismo: a prática do amor, da piedade, e o respeito à igualdade entre os homens. É importante que o eleitor reconheça em seu líder uma pessoa de boas intenções e fortes valores morais.⁸⁰

Vargas não visitou nenhuma outra cidade cearense. De Fortaleza, no dia 25, a comitiva seguiu direto para Mossoró, no Rio Grande do Norte, onde o tema central foi a questão do sal. Vargas começou o discurso afirmando que sem as salinas de Mossoró teria sido impossível desenvolver a indústria da salga e da pecuária. Valorizou ainda mais as potencialidades locais afirmando que Macau, Mossoró e Areia Branca formavam um triângulo econômico, responsável pelo progresso da criação pastoril da região. Lembrou que em sua primeira gestão elaborou mecanismos para ajudar as pessoas que viviam do sal: em 1940 foi criado o Instituto Nacional do Sal e projetada a criação da Companhia Nacional de Álcalis, para aproveitamento do sal marinho na fabricação de soda cáustica e barrilha. Entretanto, o projeto não saiu do papel. Prometeu que se eleito construiria uma fábrica em Cabo Frio e outra no Rio Grande do Norte. Se eleito, também concluiria as obras da Estrada de Ferro de Mossoró, promoveria o aparelhamento do porto de Areia Branca e resolveria o problema de abastecimento de água de Mossoró. Essas eram suas promessas para a região. E voltou a afirmar que era candidato graças ao chamado dos humildes e que não defendia interesses pessoais, mas buscava realizar os anseios da maioria. E de Mossoró, no mesmo dia, seguiu para a capital do Estado, Natal.

Em Natal Vargas recordou que a cidade foi palco de seu encontro com o presidente dos EUA quando decidiram que o Brasil entraria na Guerra ao lado dos

⁸⁰ Teixeira. *op. cit.*, p.171 e Flávio Eduardo Silveira. “A dimensão simbólica da escolha eleitoral”. IN: Rubens Figueiredo (org). *Marketing político e persuasão eleitoral*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000, p.132.

americanos. Observou que a cidade é marcada por determinismo geográfico para ser o posto avançado de defesa continental e disse que a política externa brasileira nunca se afastou do pacifismo e da cooperação com os outros países americanos. "A fraternidade é o sistema inspirador da vida da América", afirmou Vargas, para lembrar que a defesa do continente é um sentimento comum entre os americanos. Entretanto, para garantir a soberania nacional é preciso fortalecer e desenvolver as indústrias de base, projeto do qual Volta Redonda é parte importante, que devia ser retomado.

Vargas prometeu também dar mais atenção às Forças Armadas, para garantir a soberania nacional. Lembrou que em seu primeiro governo foram criadas a Escola Técnica do Exército; as Preparatórias de Cadetes, de Aeronáutica, de Artilharia da Costa e de Educação Física do Exército.

Saindo de Natal, Vargas foi para Sousa, na Paraíba, onde chegou no dia 26. Prometeu realizar obras contra as secas e revitalizar o Instituto de Piscicultura. Ainda nesse Estado, o candidato visitou Campina Grande, onde falou sobre o revigoramento da cultura algodoeira e também sobre a pecuária. Propôs a instalação de curtumes industriais para estimular a exportação do couro. Entre as correspondências de Getúlio há um poema de sete páginas narrando em detalhes a passagem do presidente pelo comando do país. Este poema lhe foi enviado por alguém de Campina Grande, em setembro de 1948, e provavelmente foi arquivado junto aos documentos referentes à campanha para ser usado como material de divulgação. Apesar de ter sido escrito dois anos antes do pleito, o poema já previa a eleição de Getúlio:

*Estou pronto, brasileiros
 Às vontades de vocês
 Quinze anos fui governo
 E posso ser outra vez
 Digo sem medo nenhum
 Entrando em cinqüenta e um
 Vou até sessenta e seis*⁸¹

De Campina Grande a comitiva seguiu para João Pessoa, capital paraibana. Lá, o discurso assumiu um caráter fortemente emotivo. Getúlio exaltou a figura de João Pessoa e renovou os compromissos da Revolução de 1930. Mais uma vez Getúlio recorria à emoção para criar um canal de identificação com a

⁸¹ Documentos sobre a campanha eleitoral de 1950. Arquivo CPDOC: GV rem.s 1950.01.28.

platéia. Os laços emocionais muitas vezes são mais fortes do que os apelos racionais.⁸²

As três cidades da Paraíba foram visitadas no mesmo dia. No dia seguinte, 27, a comitiva seguiu viagem até Pernambuco, Estado que, na opinião de João Neves, seria decisivo na região, já que na Bahia e no Ceará Getúlio não tinha apoio dos governos regionais. No Ceará, o candidato apoiado por Vargas tinha pouca expressividade, e na Bahia, Vargas não tinha apoio do governador⁸³. Em Pernambuco, a Primeira parada seria Recife. Segundo o *Correio da Manhã*, Recife era uma “cidade brigadeirista”.⁸⁴

Na capital pernambucana Vargas falou do péssimo estado em que se encontrava a economia do Estado em 1930. Graças à fundação do Instituto do Açúcar e do Alcool, em seu primeiro governo, o Estado voltou a prosperar. Se reeleito, prometeu ampliar a indústria açucareira para aproveitar todos os seus subprodutos: açúcar, álcool, papel e adubo. Entrando em terrenos mais ideológicos, lembrou a criação da Justiça do Trabalho, e prometeu estender a legislação trabalhista aos trabalhadores rurais. Ainda em Pernambuco, Vargas visitou Caruaru, cidade de João de Aquino, o auxiliar de coletoria que tanto contribuiu para o tom certo da campanha. Na cidade de agricultores, Vargas lembrou o progresso que seu primeiro governo trouxera: agência do Banco do Brasil e a estrada de rodagem ligando a região ao litoral. E para o segundo mandato, prometeu resolver o problema da eletrificação.

No dia 29, Vargas e companhia chegaram a Maceió, em Alagoas. O ponto alto do discurso alagoano foi o potencial elétrico do Rio São Francisco, para irrigar as plantações já existentes e ampliar as possibilidades de lavoura. E criar condições de navegação do baixo São Francisco, para escoar a produção. Os termos do progresso na região, segundo Vargas, eram: transportes, irrigação e energia elétrica. De lá Vargas visitou Penedo, ainda no Estado de Alagoas, onde fez um discurso também acerca dos potenciais do São Francisco, e prometeu financiamento adequado para a lavoura.

⁸² Silveira. *op. cit.*, p.134.

⁸³ Cartas de João Neves a Getúlio Vargas. Arquivo CPDOC: GV c 1950.08.05/2.

⁸⁴ *Correio da Manhã*, 18 de agosto de 1950.

E assim, no dia 29 de agosto terminava a excursão da caravana pela parte norte-nordeste do país⁸⁵. Em linhas gerais, podemos constatar que os principais assuntos foram a industrialização, os transportes, a eletrificação, e a extensão das leis trabalhistas aos trabalhadores rurais. Contudo, esses temas foram tratados de maneira bastante individualizada, destacando as características e necessidades de cada uma das regiões onde o candidato passou.

O jornal *Correio da Manhã*, no dia 30, criticou o estilo de campanha de Getúlio chamando-o de personalista e acusando-o de priorizar interesses regionais imediatos e exclusivos, em detrimento de uma política “realmente nacionalista”, que segundo o jornal era realizada pelo brigadeiro, em que “há comunicação dos objetos generosos, desinteressados, devotados com os anseios coletivos numa comunhão de princípios e atitudes”⁸⁶. Ironia da História: os bacharéis udenistas, em parte herdeiros das oligarquias da Primeira República, seriam os guardiões da nacionalidade e do anti-regionalismo. Obra do liberalismo bacharelesco, o brigadeiro falava em termos abstratos, como “comunhão” e “princípios”, enquanto Getúlio falava de coisas concretas, como geração de empregos, aproveitamento de matérias-primas locais, industrialização, respeito às leis trabalhistas, serviços de saúde pública etc.

No mesmo dia começaria a próxima etapa da campanha, que cobriria as regiões centro-oeste, leste e parte da região sul. Em 1950, a divisão regional do Brasil era diferente do que é hoje: Bahia e Sergipe faziam parte da região leste, que contava ainda com Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo; São Paulo fazia parte da região sul⁸⁷. Nesta fase, além de manter a estratégia de adotar um discurso particularizado, Getúlio iria tratar das grandes questões nacionais, como a inflação, a política externa, o pensamento católico. O trabalhismo, principal bandeira getulista desde a década de 1930, foi mais fortemente incluído na pauta de assuntos, já que estas regiões, mais industrializadas, possuem maior número de trabalhadores urbanos.

Sendo assim, no dia 29, Getúlio chegou ao Sergipe. Elogiou o nível intelectual da capital, Aracaju, e a economia açucareira bem desenvolvida. Lembrou que seu primeiro governo muito contribuiu para esse desenvolvimento,

⁸⁵ Documentos referentes à campanha de 1950. Arquivo CPDOC: GV rem 2 1948.09.14.

⁸⁶ *Correio da Manhã*, 30 de agosto de 1950.

⁸⁷ Ângela de Castro Gomes, Dulce Chaves Pandolfi, Verena Alberti (org.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002. pp. 197-216.

através do Instituto do Açúcar e do Alcool. Lembrou também que o trabalhador do campo teve seus direitos fundamentais assegurados, em seu primeiro governo, através do Estatuto da Lavoura Canavieira. Prometeu melhorar o sistema de transportes e lembrou algumas conquistas da Revolução de 1930, como o voto secreto, que garante eleições justas e honestas. Como vemos, Getúlio continuava adotando um discurso emotivo, carregado de elogios, e seguia também relembando as ações de seu governo, recuperando o marco da Revolução de 1930 como o início de uma nova era. Demonstrando apreço pelo público da cidade, e enfatizando suas qualidades de administrador através de sua obra política, Getúlio criava um ambiente de admiração mútua entre eles e os eleitores. O candidato que demonstra interesse pelo público, conquista sua confiança.⁸⁸

Nesse mesmo dia 29 de agosto, o *Correio da Manhã* noticiava a crescente onda de forças getulistas em São Paulo, onde a comitiva visitara apenas duas cidades. Referia-se à essas forças como “personalistas” e “demagógicas”.⁸⁹ A estratégia de passar pela capital paulista ainda nos primeiros dias da campanha parece ter dado certo, pois a repercussão em torno da candidatura de Vargas crescia nas ruas de São Paulo mesmo estando a comitiva tão distante, excursionando pelo nordeste do país.

No dia seguinte Getúlio chegou a Feira de Santana na Bahia. Nesta cidade o tom do discurso foi um pouco distinto das outras cidades baianas que seriam visitadas, evidenciando a preocupação em adequar o discurso à platéia. Aqui, a peça-chave da conversa foi a pecuária. Vargas prometeu que se eleito, liberaria financiamento barato para a aquisição de touros reprodutores e procuraria ampliar as exportações dos produtos bovinos. Para isso, construiria depósitos e frigoríficos para estocar os produtos perecíveis, ou seja, possibilitaria a industrialização dos subprodutos. A questão da industrialização dos produtos regionais foi mencionada em muitas paradas do candidato, mostrando que além de conhecer as potencialidades locais, o candidato projetava um futuro otimista e desenvolvido para a região. Getúlio falou novamente em levar aos trabalhadores do campo a legislação trabalhista e lembrou que em seu primeiro governo, foi concluída a estrada Rio-Bahia, ligando Feira de Santana a Salvador e ao Rio de Janeiro. As

⁸⁸ Dilma Teixeira. *op. cit.*, p. 159.

⁸⁹ *Correio da Manhã*, 29 de agosto de 1950.

estradas, como já vimos, eram sinônimo de progresso e crescimento econômico, pois possibilitavam o escoamento da produção.

Para as outras três cidades baianas visitadas, a capital Salvador, Ilhéus, e Vitória da Conquista, a sugestão de João Neves da Fontoura era que Vargas abordasse o principal produto da região, o cacau, baseado no mesmo relatório do Instituto de Pesquisas da Associação Comercial que foi usado para os discursos em São Paulo, enviado por João Daudt de Oliveira.

Entretanto em Salvador, a primeira a ser visitada, Vargas falou principalmente sobre petróleo. Lembrou que a descoberta do produto foi uma conquista de seu governo, que organizou as primeiras pesquisas sobre o assunto. Afirmou que a nacionalização da indústria petrolífera era um importante alicerce da nossa soberania. No quesito transportes, Getúlio lembrou que durante seu governo a rede rodoviária baiana foi aumentada em 2 vezes e $\frac{1}{2}$ e que a construção da rodovia Transnordestina, obra de seu governo, ligou o sertão ao litoral. No tocante à industrialização, ressaltou a necessidade de construção de frigoríficos e depósitos, que possibilitassem a estocagem de cereais, carnes e produtos de horticultura. As secas também foram lembradas, através da necessidade de açudagem e irrigação de boa parte do território baiano, a fim de permitir melhores condições de vida ao homem do sertão e evitar o êxodo rural.⁹⁰

Em Ilhéus, dia 31, o assunto principal foi o cacau, que era o principal produto da região. Vargas observou que logo após a Revolução de 1930 criou o Instituto do Cacau. A Revolução de 1930 era freqüentemente mencionada e relacionada a algum aspecto positivo. Embora a campanha de 1950 recuperasse aspectos do Estado Novo, como os benefícios da legislação trabalhista, o ano de 1937 não era citado. Vargas prometeu que se eleito, iria reorganizar o Instituto do Cacau, a fim de modernizar a produção brasileira para concorrer com mercados externos. Observou que os derivados do cacau merecem atenção especial e propôs a industrialização da produção, a mecanização da lavoura, e proteção contra as oscilações do mercado internacional. Prometeu financiar a produção, proporcionar melhoras no beneficiamento, nos transportes da produção e realizar pesquisas genéticas com as sementes da planta. Em Vitória da Conquista, abordou os

⁹⁰ No primeiro governo Vargas, cerca de 13% da população economicamente ativa (PEA) do Nordeste havia se transferido para Rio de Janeiro e São Paulo. Ver: Rezende. *op. cit.*, p. 31.

mesmos assuntos, e acrescentou a necessidade de melhorias e ampliação da estrada de ferro, para escoar a produção.

Saindo da Bahia a comitiva seguiu para o Espírito Santo, onde Getúlio fez apenas um comício, na capital Vitória. O elogio ao Estado ficou por conta da falta de grandes contrastes sociais, apesar da ampla extensão do território. Getúlio lembrou a entrada do Brasil na Segunda Guerra. A Companhia Vale do Rio Doce, realização do seu governo, recuperou nossas jazidas de ferro, que até então estavam sob concessão de uma empresa estrangeira, possibilitando ampliar as exportações e industrialização desse minério e contribuindo para nossa economia e também das nações amigas, mostrando que o Brasil podia contribuir com o esforço de Guerra. A proposta para a região, caso eleito, era investir no crescimento da indústria siderúrgica e na industrialização dos produtos agrícolas. Para isso, era fundamental investir em melhorias da rede bancária e liberar crédito para a indústria, o comércio e a lavoura. Getúlio falou também na legislação social de seu primeiro governo: segundo ele, uma pacífica evolução social, que eliminou a luta de classes e possibilitou ao trabalhador participar mais ativamente da vida nacional. A inflação também foi assunto em Vitória: Getúlio defendeu-se de acusações de que seu governo teria sido inflacionário e acusou o governo Dutra de restringir o crédito bancário sob o falso pretexto de frear a inflação. Do Espírito Santo seguiu para Campos, no Estado do Rio de Janeiro, onde também visitaria Niterói no dia 3 de setembro, e Petrópolis, no dia 5. Provavelmente Getúlio teve outros compromissos no Rio, pois apesar das poucas localidades visitadas, permaneceu no Estado cerca de cinco dias.

Em Campos, onde a base da economia é a cana, Vargas falou principalmente sobre o açúcar e seus derivados. Lembrou que quando assumiu o governo em 1930 a indústria açucareira estava em situação lamentável, mas e que com a criação do Instituto do Açúcar e do Alcool, o setor voltou a crescer e passou a produzir outros subprodutos da cana. Para um novo mandato, prometeu terminar a Usina de Macabu, melhorar e pavimentar as estradas, aperfeiçoar os transportes ferroviários, concluir o porto de São João da Barra, liberar crédito para a produção, reajustar os salários, estender os benefícios trabalhistas aos trabalhadores rurais, tornar o ensino mais acessível, ampliar a assistência médica. Getúlio explicitou sua estratégia de campanha dizendo que procurava atender os interesses de cada região, e sabia que se fosse eleito, seria pela vontade do povo.

Disse que na multidão ali presente, havia representantes de todas as classes e que todos tinham um mesmo objetivo: melhorar de vida.

Em Niterói, Vargas falou sobre política externa, e defendeu a política de boa vizinhança com as demais nações americanas e também com os países europeus. Afirmou que a irmandade entre os povos, desde que preservadas as soberanias nacionais, promoveria o progresso de todos. A aliança com países europeus, segundo ele, deveria ser feita visando o aumento das trocas comerciais e a questão da imigração: além de garantir braços experientes para as lavouras, estimular a vinda de técnicos e operários europeus junto com as máquinas que importássemos. Getúlio afirmou ser a favor do capital estrangeiro como complemento do investimento nacional. Citou como exemplo Volta Redonda, que foi construída com ajuda de capital estrangeiro, mas a maior parte do montante era nacional. Para o novo governo, propôs nova reforma no Ministério das Relações Exteriores: organização de Conselhos de Estudos especializados em outras nações, a fim de revivificar nossa diplomacia. Entre as propostas de caráter mais regional estavam melhorias no abastecimento de água, na rede de esgotos, e a construção da ponte Rio - Niterói.

A terceira cidade fluminense a ser visitada foi Petrópolis, na região serrana, para onde o presidente seguiu de automóvel⁹¹. O assunto de destaque lá foi o seguro social. Getúlio lembrou que no Brasil praticamente não existia seguro social antes de 1930: logo que assumiu o comando do país, Getúlio criou o Ministério do Trabalho, que procurou dar aos trabalhadores consciência de seus direitos e deveres, e integrou-os na vida social do país. O trabalho, disse, que antes era visto como algo indigno, passou a ser um dever de todos e condição para fazer parte da sociedade e dos benefícios da civilização. A legislação trabalhista, implementada em seu primeiro governo, foi uma conquista pacífica, apoiada nos preceitos cristãos de justiça social e igualdade entre os Homens. Durante os primeiros 13 anos de seu governo, o sistema de seguro social implementado no Brasil era dividido por categorias profissionais. Em 1945 estavam sendo feitos estudos para unificar o sistema, que já não estava sendo considerado eficiente. Entretanto, com a mudança de governo o projeto foi abandonado e sistema existente ficou ainda pior. Para o novo mandato Vargas considerava urgente a

⁹¹ Documentos sobre a campanha presidencial de 1950. Arquivo CPDOC: GV ce 1950.08/09.00/50.

reforma desse sistema para garantir ao trabalhador o cumprimento dos benefícios já estabelecidos e a criação de novos, tais como a aposentadoria por invalidez ou velhice e o seguro-desemprego. As propostas locais para Petrópolis eram: energia elétrica, melhorias no abastecimento de água e aplicação de recursos públicos em atividades culturais, comerciais e industriais.

No Rio de Janeiro, a última parada da comitiva seria no município de Barra Mansa, para um discurso no distrito de Volta Redonda. Mas antes Getúlio e companhia pararam na cidade mineira de Juiz de Fora, ainda no dia 5, onde o discurso assumiu um tom mais regional, voltado para a realidade local. Getúlio falou sobre as obras de retificação do Rio Paraibuna, realizadas em seu primeiro governo, para evitar enchentes, e também visando o aproveitamento da força do rio na geração de energia. O bom emprego da força das águas geraria a energia necessária para ampliar a industrialização. Outros planos para Juiz de Fora eram a diversificação das lavouras, a ligação ferroviária com o sul do Estado, melhorar os estabelecimentos militares presentes da região, remodelação e asfaltamento da estrada União e Indústria, melhor aproveitamento das fazendas de café.

Em Volta Redonda, o assunto não poderia ser outro além da siderurgia. No distrito que cresceu em volta da usina, Vargas lembrou que a maior empresa de capital estatal brasileiro era fruto de seu governo. A usina significou economia de divisas e aumento de possibilidades no comércio exterior. Era um símbolo de patriotismo e orgulho nacional. Não por acaso, esse comício foi realizado no dia 7 de setembro, feriado em que se comemora a Independência do Brasil. A CSN era a expressão de uma outra independência. Getúlio reafirmava o vínculo necessário entre desenvolvimento industrial e soberania nacional.

De lá Getúlio voltaria para Minas Gerais, onde apoiava e tinha total apoio do candidato pessedista a governador, Juscelino Kubistcheck. O candidato do PSD apoiou a candidatura de Vargas em detrimento de seu companheiro de chapa, Cristiano Machado, que também era seu conterrâneo. Esse fato levou boa parte do PSD mineiro a apoiar a candidatura de Vargas, causando um esvaziamento da campanha pessedista no Estado.

No dia 9, Vargas visitou os mineiros de Governador Valadares. Lá, como em Juiz de Fora, falou sobre a implementação do trabalhismo, que melhorou as condições de vida dos trabalhadores e garantiu aos empresários lucros capazes de encorajar novos empreendimentos. Getúlio apresentava-se como um candidato de

todas as classes: sua fala se dirige tanto para os trabalhadores, como para os empresários. Era urgente, pois, estender as leis trabalhistas aos trabalhadores rurais. E também liberar crédito para a lavoura, investir na pecuária da região, principalmente no tocante à industrialização dos produtos do boi. Como nos discursos da etapa norte-nordeste da excursão, Getúlio falou em melhorar o sistema de transportes, inclusive o aeroporto, e de instalar uma usina de força elétrica. Ele também fez lembrar que quando assumiu a presidência em 1930, as jazidas de ferro da região estavam em poder de grupos internacionais, mas graças à sua intervenção, as jazidas voltaram ao domínio econômico mineiro.

De Governador Valadares, no mesmo dia, Getúlio seguiu para Belo Horizonte.

Na capital mineira o candidato falou sobre a autonomia dos municípios, que seu primeiro governo procurou assegurar. Quando foi presidente, Vargas procurou restabelecer as finanças locais e promover a autonomia política, financeira e administrativa das esferas municipais. As jazidas do sub-solo também foram destaque nesse discurso, em que Getúlio afirmou ser obrigação do governo federal explorar e preservar as riquezas mineiras. E lembrou que esta foi sempre uma preocupação sua, e em seu governo foi elaborado o primeiro Código de Minas, que restituiu aos brasileiros a exploração das jazidas de ferro do Vale do Rio Doce.

Um dos vídeos produzidos para divulgar a campanha de 1950 chama-se “Getúlio Vargas em Belo Horizonte”.⁹² Sobre a imagem do aeroporto de Belo Horizonte lotado de pessoas com bandeirinhas e faixas, uma voz *em off* narra a chegada da comitiva getulista na capital de Minas Gerais, afirmando que Getúlio recebera nesta ocasião a mais calorosa recepção por parte do povo mineiro. Getúlio aparece acenando para o público na porta do avião, enquanto o narrador afirma que as pessoas presentes disputavam um abraço do ex-presidente, sugerindo intimidade entre candidato e eleitores. O narrador se refere à recepção como “vibração cívica”, e diz que o acontecimento merecerá registro de destaque na campanha: confere caráter político à presença da multidão ao mesmo tempo em que massageia o ego do eleitor, atribuindo-lhe condição de especial lembrança na jornada do candidato. O narrador informa ainda que mais de cem mil pessoas

⁹² *A campanha em Belo Horizonte*. IN: A era Vargas. E ele voltou... seção Multimídia www.cpdoc.fgv.br <<Acesso em junho de 2007>>

compareceram ao comício de Getúlio, atestando a popularidade do candidato na região. O vídeo destaca a fala particularizada de Vargas afirmando que a “peça oratória” analisou os problemas peculiares do povo mineiro, e prometeu soluções visando o progresso de Minas Gerais. A oração do presidente teria sido interrompida várias vezes por aplausos e gritos de “Queremos Getúlio!” O vídeo afirma que Getúlio ficou emocionado com a intensidade dos aplausos dos mineiros. Humanizar o candidato, mostrando suas emoções, também é uma forma de aproximá-lo do eleitor e sugerir que a admiração é mútua. (ver anexo II)

No dia 10, em Uberaba, zona da pecuária mineira, Getúlio falou sobre criação de gado. Procurando aproximar-se da platéia, lembrou ser também ele um criador de gado. Afirmou conhecer intimamente os anseios e problemas dos pecuaristas, por serem seus também. Observou que era preciso melhorar as pastagens, contratar veterinários para cuidar dos rebanhos, investir na industrialização dos produtos bovinos, construir depósitos e frigoríficos para estocagem. E falou também sobre a inflação: explicou porque estava sendo acusado pelo governo Dutra de ser inflacionista e propôs mudanças na economia.

De Uberaba Vargas seguiu para Uberlândia. Lá, elogiou o bom nível da produção de gado e as técnicas agrícolas que a região vinha adotando. Elogiou a Marcha para o Oeste, que teve sempre o objetivo de ampliar as fronteiras econômicas nacionais e povoar o território. E disse que o crescimento econômico, no sentido da independência financeira e do progresso, foi sempre um objetivo de seu governo.

No mesmo dia Vargas viajou para Goiânia, a única cidade visitada no Estado de Goiás. Vargas lembrou que seu primeiro governo deu a Goiás a Colônia Agrícola Nacional, que distribuiu terras aos trabalhadores pobres. A região era carente de indústrias, de comércio, de equipamentos, sementes, braços, técnicos, escolas, hospitais, ferrovias e rodovias. Vargas prometeu que se eleito, essas seriam suas prioridades para a região. Em vídeo de divulgação da campanha, um narrador em *off* elogia a “magnífica e moderna cidade” de Goiânia afirmando que é o centro geográfico do país. O narrador afirma que o comício de Getúlio foi a maior concentração eleitoral realizada em Goiás durante a campanha de 1950 e que, em seu discurso, Getúlio dirigiu-se ao proletariado da região e foi intensamente aplaudido, numa demonstração de sua grande popularidade. A câmera passeia sobre a multidão e as imagens panorâmicas revelam uma

concentração de milhares de pessoas em frente ao palanque de Getúlio, exibindo muitas faixas e cartazes, dando credibilidade ao narrador.⁹³

No dia seguinte a comitiva chegou ao Estado do Mato Grosso, onde visitaria três cidades. Em Cuiabá, Corumbá, e na capital Campo Grande, o discurso girou em torno dos mesmos assuntos: a criação de gado e a falta de povoamento da região. Getúlio observou que a pecuária além de ser a maior riqueza da região era também seu maior problema: a região comercializava o animal, em vez de industrializar seus produtos, que eram muito mais lucrativos. Era urgente povoar a região, liberar crédito para os pecuaristas e construir estradas para escoar a produção. Irrigação também era uma palavra-chave para a região. Especialmente em Corumbá, Getúlio observou que a localidade era geograficamente destinada a ser o centro de comercializações entre os países servidos pela navegação da Bacia do Prata. Durante seu governo criou o serviço de Navegação da Bacia do Prata, agora era hora de melhorar as condições de navegação do Rio Paraguai para desenvolver o comércio na região. No vídeo de divulgação da campanha, o locutor se refere à recepção do povo de Cuiabá a Getúlio como “grande manifestação cívica”, reforçando a intenção de atestar a consciência política do eleitorado getulista; e reafirma o caráter segmentado do discurso do candidato, informando que Getúlio “focalizou pontos de seu programa de governo com relação ao progresso do importante Estado”. Em Corumbá, a câmera sobrevoa a cidade enquanto o narrador destaca a beleza da região, que diz ser conhecida como “a princesa do Rio Paraguai”. No aeroporto a multidão recebe Getúlio sob aplausos e o locutor informa que o comício, realizado à noite, foi assistido por milhares de pessoas. Na capital Campo Grande, o vídeo mostra Getúlio discursando num palanque improvisado, em que uma faixa exhibe seu nome ao lado do nome de Adhemar de Barros e da palavra “vitória”. A imagem seguinte exhibe Getúlio desfilando em carro aberto e a multidão que cerca o automóvel mal o deixa andar: intimidade entre candidato e eleitores (ver anexos III e IV).

E então, no dia 12, a comitiva varguista voltou ao Estado de São Paulo, onde visitaria mais doze cidades, além das duas já visitadas no início da excursão. No interior paulista os principais assuntos foram a “marcha para o oeste” e a

⁹³ www.cpdoc.fgv.br <<Acesso em junho de 2007>>

lavoura. Em todas as cidades Getúlio destacou a bravura dos bandeirantes paulistas e apresentou propostas para otimizar a economia da região, através da industrialização dos produtos já produzidos, e da mecanização e diversificação das lavouras. A organização bancária e a liberação de crédito para os agricultores também foram assuntos recorrentes, assim como a legislação trabalhista e sua extensão aos trabalhadores rurais. Além dos assuntos em comum, em cada uma das cidades Getúlio destacou uma especificidade.

Em Presidente Prudente, o candidato elogiou o crescimento acelerado da cidade, e observou a necessidade de melhorias no setor de transportes. Em Araçatuba, surgida em volta de uma estação de ferro, Getúlio observou que a cidade abrigava grande quantidade de imigrantes trabalhando ao lado dos brasileiros em perfeita harmonia, provando que a imigração era benéfica e democrática. A mecanização da lavoura foi a necessidade que ele destacou para a região.

A questão agrária foi o principal assunto do discurso em São José do Rio Preto. Vargas lembrou que fora de lá que ele havia conclamado os brasileiros a marchar para o oeste – e os bandeirantes haviam feito ali não uma cidade, mas um verdadeiro modelo de progresso. O Brasil, disse, precisava de uma nova lei agrária, que estabelecesse o uso social da terra, condicionado o bom uso da propriedade ao bem estar social. O Estado deveria desapropriar os latifúndios, ressarcindo seus proprietários e distribuindo a terra entre os agricultores pobres. Um país com boas plantações e bons rebanhos era um país com estabilidade econômica, dizia ele.

Vale observar que uma semana antes, no dia 5 de setembro, um editorial de Carlos Lacerda para a *Tribuna da Imprensa* afirmava que a reforma agrária era “indispensável ao desenvolvimento do país e para a criação de um mercado interno”. Lacerda dizia ainda que a estabilidade da economia brasileira só seria possível se a população rural fosse equipada com meios de produção adequados. A industrialização, segundo ele, não era suficiente pra acabar com a miséria dos camponeses, era preciso estruturar a produção rural, a fim de criar uma base sólida na economia. Lacerda aconselhava que os candidatos incluíssem o tema da reforma agrária em suas pautas de campanha.⁹⁴ Já o *Correio da Manhã*, no dia 10

⁹⁴ *Tribuna da Imprensa*, 05 de setembro de 1950.

de setembro, afirmava que a lavoura, apesar de ser a base de nossa economia, era apenas “mais um” tema administrativo no meio de tantos outros temas⁹⁵. Mais uma vez, notamos o debate entre a fala de Getúlio e a imprensa, e somos levados a crer que o candidato utilizava os jornais como pauta de seus discursos.

No dia 13 a comitiva chegou a Barretos. Em um dos vídeos da campanha, Getúlio aparece chegando ao comício realizado nesta cidade em companhia do governador paulista Adhemar de Barros. Lá o discurso também girou em torno das plantações e dos rebanhos. Como a localidade já praticava o comércio de produtos frigoríficos industrializados, o projeto de Vargas era aumentar essa atividade e ampliar as lavouras da região. O que o Brasil precisava, nas palavras de Getúlio, era parar de comercializar matéria-prima e se industrializar, ou seja: dar continuidade ao processo de substituição de importações. A industrialização era o caminho pra o desenvolvimento e para a independência econômica.⁹⁶

Nas próximas cidades visitadas, Ribeirão Preto, Araraquara e Campinas, visitadas entre os dias 14 e 15 de setembro, o tema foi o café. Getúlio elogiou os progressos da indústria cafeeira, que segundo ele se faziam sentir em todo o país. Propôs aumentar a produção, baixar os custos e melhorar a qualidade do produto, com vistas à exportação para o mercado europeu, que voltava a se abrir, depois da guerra.

De Campinas Getúlio seguiu para Poços de Caldas, em Minas Gerais, mas quase fronteira com o Estado de São Paulo. Lá mudou o tom do discurso completamente: elogiou o setor turístico da cidade, estimulado pela estação de águas, elogiou a diversidade das lavouras da região, e disse que a crise financeira por que passava a cidade era fruto da má administração do governo Dutra. Mas que se ele fosse vitorioso nas urnas, Poços de Caldas voltaria a prosperar. E de lá voltou ao interior paulista, onde retomou as questões do café.

De volta a São Paulo, no dia 16, em Taubaté Vargas lembrou o Convênio de Taubaté – acordo assinado entre Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais estabelecendo regras para uma política de valorização do café – como o primeiro passo em defesa da indústria cafeeira. Observou que a região, além do café, produzia outras culturas e também abrigava algumas indústrias, diversificando a

⁹⁵ *Correio da Manhã*, 10 de setembro de 1950.

⁹⁶ Rezende. *op. cit.*, p. 37.

economia. Era urgente, portanto, levar a legislação trabalhista a todos os trabalhadores, inclusive os do campo.

Em Sorocaba, o candidato elogiou a intensa atividade intelectual da cidade: imprensa desenvolvida, bons colégios, grande variedade de instituições culturais. E observou que o solo propício à cultura do algodão proporcionou à cidade se transformar em pólo têxtil. E também elogiou a linha férrea da cidade, que possibilitou a expansão e o comércio com outras localidades da região.

Nas últimas cidades visitadas, Piracicaba e Bauru, Vargas lembrou algumas realizações de seu governo: Instituto Agrônomo de Campinas, a Escola Superior de Agricultura de Piracicaba – centros de pesquisas científicos sobre agricultura. Prometeu que se eleito, iria promover a mecanização das lavouras com máquinas brasileiras, criar uma indústria de adubos e estender a legislação trabalhista ao homem do campo. E também elogiou as linhas férreas da região, afirmando que o trem não levava somente cargas e pessoas: leva também cultura, idéias, acontecimentos políticos, atua como fator de ligação entre as cidades e é agente de preservação da unidade brasileira.

No dia 18 Getúlio já estava no Paraná, onde visitou as cidades de Londrina, Ponta Grossa, e Curitiba – todas no mesmo dia. Nas duas primeiras o tema central foi a melhoria dos transportes, rodoviários, ferroviários e aéreos. E também a industrialização do café, a fim de diversificar a produção e aumentar os lucros. Na capital Curitiba, a conversa foi mais reflexiva: Vargas afirmou que depois de visitar todo o restante do país em tão curto espaço de tempo percebeu que apesar das distâncias geográficas e da variedade de climas e costumes, o povo brasileiro formava uma nação sólida e bem definida, unida pelo pensamento e pelo sentimento patriótico.

No dia seguinte candidato e companhia seguiram para Santa Catarina, onde também visitaram três cidades, incluindo a capital, e onde também se demoraram apenas um dia. Os transportes continuaram na pauta dos discursos, mas com uma peculiaridade: devido às características físicas do Estado, Vargas deu mais ênfase aos transportes fluvial e marítimo. Em Joinville Getúlio lembrou as benfeitorias do Porto de São Francisco, realizadas em seu primeiro governo. Afirmou que se eleito, iria trabalhar no sentido de melhorar as condições de navegação e também que achava necessário construir um aeroporto. Outra questão

urgente era a energia elétrica. A cidade era bastante industrializada, mas precisava de energia para continuar crescendo.

Em Itajaí Vargas também falou sobre o transporte marítimo e prometeu que se eleito, incentivaria a indústria naval. Elogiou o alto índice de alfabetização da localidade. E prometeu também liberar crédito para as atividades econômicas, para que a região continuasse prosperando.

Na capital Florianópolis, além de novamente levantar a questão dos transportes marítimos, Vargas destacou a importância da pesca para a economia local. A madeira, o mate e o carvão eram as outras culturas locais, que precisavam de barcos adequados para serem transportados. Era urgente construir um estaleiro para a construção e manutenção das embarcações. A eletrificação e a liberação de crédito também estiveram em pauta. E a questão da imigração reapareceu: Vargas afirmou que o imigrante deveria ser recebido de braços abertos, pois o país precisava de povoamento.

Getúlio encerrou, assim, a segunda etapa da campanha no dia 19 de setembro. Em seguida, daria início à terceira etapa da campanha, fortemente marcada por suas origens gaúchas. Em seu Estado natal, o Rio Grande do Sul, a caravana visitou 17 municípios. As características individuais das cidades foram mais pontualmente destacadas e o discurso tomou um tom ainda mais íntimo, de quem fala para seus iguais. Como já observamos, para o idealizador da campanha, João Neves da Fontoura, os grandes momentos da empreitada eram os Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, e Rio Grande do Sul. Nas cidades fluminenses, Getúlio optou por abordar os grandes temas nacionais. Nas paulistas, onde sabia não contar com a simpatia irrestrita da platéia, o candidato optou pelo elogio ao espírito bandeirante e pelas propostas pontuais. Nas cidades gaúchas, além das questões regionais, notamos um tom um tanto sentimental na fala do candidato, que procurou enfatizar a importância do Estado em sua vida pessoal. João Neves, em carta enviada a Getúlio em junho de 1950, quando já preparavam a redação dos discursos, refere-se a uma das falas gaúchas como sendo bela, adequada e até um pouco patética – mas observa que isso era bom, pois a idade avançada de Getúlio já o permitia cair no patético⁹⁷.

⁹⁷ Carta de João Neves a Getúlio Vargas. Arquivo CPDOC:GV c 1950.06.30/2.

No dia seguinte, 20 de setembro, começou a turnê pelo Rio Grande do Sul, que foi chamada pelos membros da comitiva de “roteiro gaúcho”. Esta etapa contou com intensa colaboração do deputado estadual Francisco Brochado da Rocha, que a pedido de João Neves organizou uma equipe que recolheu informações com personalidades locais, escreveu o esboço dos discursos e organizou a excursão. Os discursos foram entregues a Getúlio por um portador, somente três dias antes do início do roteiro. A equipe sugeria que nas cidades onde Getúlio fosse fazer comícios à noite, com maior concentração de ouvintes, os discursos refletissem o panorama econômico, político, e social das localidades. E nas cidades onde a comitiva fosse passar durante o dia, o candidato fizesse apenas uma breve saudação⁹⁸. As cidades onde Getúlio realizou comícios foram: Passo Fundo, Santa Maria, Uruguaiana, Livramento, Santo Ângelo, Pelotas, Rio Grande e São Borja. Esta última, cidade natal do candidato, foi palco do discurso de encerramento da campanha, no dia 30 de setembro. Durante a viagem pelo país, Getúlio recebeu um bilhete dos moradores de São Borja, pedindo que a campanha fosse encerrada lá.⁹⁹

Esta foi a fase mais intensa da campanha: 17 localidades em 10 dias. Getúlio destacou características econômicas das cidades e também falou muito sobre trabalhismo, confiança e progresso – nos termos de eletrificação, industrialização e transportes. A Revolução de 1930 voltou a ser lembrada, assim como várias ações do primeiro governo Vargas. A intensificação da campanha na reta final tem sua explicação: muitos eleitores decidem seu voto em cima da hora. Quanto mais informações tivessem sobre Getúlio, maior a probabilidade de votarem nele.¹⁰⁰

A primeira cidade visitada foi Erechim, onde a breve saudação prometeu crédito, amparo social e assistência técnica à lavoura. Em seguida, Vargas foi a Passo Fundo, onde falou sobre eletrificação e sobre as possibilidades de recuperação da indústria madeireira local. E afirmou que em seu governo o Brasil se firmou como Nação, através da identidade de sentimentos.

⁹⁸ Carta de Francisco Brochado da Rocha a Getúlio Vargas. Arquivo CPDOC: GV c 1950.09.17.

⁹⁹ Bilhete de Periandro Dornelles Mota a Getúlio Vargas comunicando que São Borja deseja que encerre a Campanha Eleitoral naquela cidade. Arquivo CPDOC: GV c 1950.07.20/1.

¹⁰⁰ Cf. Rodolfo Grandi, Alexandre Marins e Eduardo Falcão. *Voto é Marketing...o resto é política*. São Paulo: Loyola, 1992.

No dia seguinte Getúlio passou por Carazinho. Afirmou que as pessoas têm tendência a optar por caminhos conhecidos e, se o mundo vivia um período de grande instabilidade e o futuro era imprevisível, havendo até o risco de uma 3ª Guerra Mundial, era melhor que ele estivesse à frente do país, pois os brasileiros já o conheciam e sabiam que nele podiam confiar. No mesmo dia seguiu para o comício em Santa Maria, onde lembrou uma outra guerra: a luta interna contra o analfabetismo. Santa Maria era um exemplo a ser seguido, era conhecida como “cidade dos estudantes”, pois mantinha 25% da população urbana estudando. Vargas prometeu revigorar todos os níveis de ensino do país e lembrou que muito já havia sido feito desde 1930. As propostas para a região ficaram por conta da eletrificação e dos incentivos à industrialização.

De lá Vargas seguiu para Cachoeira, e ressaltou o município como pioneiro na cultura de cereais no Estado. Propôs assistência técnica para essas lavouras e organização de cooperativas para maximizar a produção. Atenção à pecuária era importante também, pois era o elemento diversificador da economia. Em Santa Cruz do Sul, onde a base da economia era o fumo, Vargas observou a necessidade de conquistar mercados externos para o produto brasileiro. A cidade industrializava matéria-prima vinda de todo o país, era urgente aumentar a geração de força motriz para desenvolver essas fábricas, assim como em Caxias do Sul, município visitado em seguida. Lá, onde a base da economia é a parreira, Vargas elogiou a indústria de vinhos e prometeu dar continuidade à legislação trabalhista, estendendo-a também ao trabalhador rural.

Em seguida passou por São Jerônimo, no dia 24, onde falou sobre a indústria de combustíveis, e seguiu para Pelotas, onde voltou a falar sobre o trabalhismo. E também recordou obras de seu primeiro governo, tais como a Escola Técnica, a Estação de Fruticultura, o Parque de Exposição de Animais, etc., e prometeu recuperar a Casa de Misericórdia de Pelotas. Prometeu também realizar obras de defesa da cidade contra enchentes e terminar a estrada de ferro que liga Pelotas a Santa Maria.

Em Rio Grande, no dia 26, a conversa foi bastante parecida com a de Florianópolis: falou das condições do porto, que deviam ser melhoradas, e de dar incentivos à indústria da pesca. E mais uma vez voltou a falar sobre o trabalhismo, afirmando que a política brasileira é contrária à luta de classes. Segundo ele, o caminho para uma sociedade mais equilibrada era: elevar a produção, estimular a

diversificação das atividades econômicas e remunerar de forma justa o trabalho e o capital. E acrescentou que era preciso respeitar os sindicatos e respeitar a escolha dos trabalhadores quando elessem seu líder.

Em Bagé Vargas observou que graças aos trabalhos desenvolvidos pela Fazenda Experimental, implementada em seu governo, a região possuía rebanhos de alta mestiçagem. A Estação Experimental de Bagé, destinada aos estudos sobre inseminação artificial de rebanhos e também obra sua, incentivou o combate à sarna, a organização dos produtores em cooperativas, e procurou assegurar a boa colocação dos produtos das cooperativas (lã, carnes etc.) no mercado. Para fazer prosperar essa indústria, Vargas prometeu crédito, facilidades para a construção de frigoríficos e assistência ao trabalhador rural. Destacou, além da pecuária, a cultura do trigo, em que Bagé foi pioneira.

A pecuária também foi o assunto central em Uruguaiana, onde Getúlio também prometeu crédito através do Banco do Brasil, para pecuaristas e agricultores. Afirmou que era preciso dar condições de vida ao homem do campo para evitar o êxodo rural. E lembrou que qualidade de vida, além de crédito e segurança social também incluía energia elétrica. De seu primeiro governo, lembrou a construção da ponte sobre o Rio Uruguai, ligando o Brasil à Argentina. Aproveitando o gancho, reafirmou a importância de manter boas relações com os países latinos, e o clima de amizade e ajuda mútua.

Em Alegrete, no dia 28, mais uma vez a pecuária teve destaque, mas os transportes é que foram o eixo do discurso: Vargas lembrou algumas realizações de seu governo, como a construção de ferrovias e estradas de rodagem. Prometeu, no novo mandato, aumentar e melhorar as vias já existentes e abrir novas estradas, assim como construir aeroportos e impulsionar o setor aéreo.

Em Livramento, cidade que faz fronteira com o Uruguai, Getúlio falou novamente sobre pecuária, que era a base da economia local. A cidade possuía rebanhos de alta linhagem, era urgente industrializar os subprodutos para exportar e aumentar os rendimentos. Para isso, era preciso um plano de eletrificação. A industrialização dos produtos do boi e a eletrificação também foram os assuntos principais dos discursos em São Gabriel e Santo Ângelo, cidades que Getúlio visitou no dia 29, sendo que nesta última a maior parte dos rebanhos era de suínos.

No dia 30 de setembro de 1950, Getúlio Vargas voltava a São Borja, encerrando o percurso pelo país. Agradeceu o apoio de seus conterrâneos e disse que por todo o país o povo o acolheu calorosamente. Disse que o povo mais falou a ele do que ele ao povo. E que tinha ouvido as queixas das pessoas sobre as dificuldades atuais. Reafirmou que sua campanha era resultado de um movimento “genuinamente popular”, e que ele apenas atendia à vontade do povo. Afirmou que em sua análise, a campanha tinha transcorrido sem problemas, uma verdadeira disputa de cavalheiros. E agradecendo ao apoio do público, reafirmou “sua fé nos postulados cristãos da justiça social e nos gloriosos destinos do Brasil”.¹⁰¹

Observando esses quase dois meses de campanha, algumas características chamam a atenção. A primeira delas é que nos cerca de 80 discursos que fez, Vargas apresentou suas bandeiras de campanha sob dois aspectos: um nacional e outro regional. As pesquisas realizadas pelo comitê de campanha de Getúlio Vargas possibilitaram ao candidato demonstrar conhecimentos muito específicos sobre cada região do país e a sua preocupação em integrá-las para que todas cresçam. Através dos projetos que apresentou para cada região, o presidente traçou um projeto político nacional, relacionando diretamente cada Estado ao crescimento da Federação como um todo. Assim, ele procurou enquadrar as questões de interesse nacional nas realidades regionais e vice-versa. Em todas as paradas fez propostas de aproveitamento das potencialidades locais, destacando a importância de cada atividade para o crescimento geral do país.

A segunda característica é a forma como ele se vale das memórias de seu primeiro governo. O fato de já ser conhecido pelo público poderia ser uma vantagem ou uma desvantagem, trazendo de volta seus sucessos ou suas derrotas, mas Vargas sabe que a memória é seletiva – “só fica o que significa”, nas palavras Ecléa Bosi¹⁰². Portanto as lembranças que ele traz à tona são as glórias da Revolução de 1930 e dos seus 15 anos de governo, especialmente a legislação do trabalho. Vargas faz uma releitura da face autoritária de seu governo para construir uma memória democrática, afirmando que foi sempre um defensor da democracia, sempre buscando atender as necessidades do povo trabalhador.¹⁰³

¹⁰¹ Vargas. *op. cit.*, p. 659.

¹⁰² Ecléa Bosi. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 466

¹⁰³ Ângela de Castro Gomes. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. pp. 198-202

Outra característica importante, porém não tão evidente, são as interlocuções feitas pelo candidato durante a trajetória da campanha. O interlocutor mais óbvio é, sem dúvida, o eleitor. Entretanto, na fala de Getúlio Vargas há mensagens para seus adversários, seus aliados e também para a imprensa, como pudemos constatar através da observação de matérias publicadas no período da campanha. O discurso na capital da República é exemplo desse diálogo: se por um lado, a imprensa já criticava o discurso antes da realização do comício, por outro lado o candidato aproveitou a oportunidade para defender-se de alguns ataques que vinha sofrendo, como no caso do abandono ao Senado. Outro exemplo interessante é a “conversa” entre os três candidatos que se deu no dia 19 de agosto, ocasião em que a comitiva de Getúlio esteve em Pirapora, Minas Gerais. Com a ajuda da imprensa é possível esboçar um debate entre os três concorrentes, que no mesmo dia expuseram suas opiniões sobre a importância do voto secreto na eleição de 1950.

As principais formas de divulgação da proposta getulista foram os comícios e discursos, mas além da imprensa, outros meios de comunicação foram utilizados de forma produtiva. As músicas e os panfletos bem humorados garantiram o clima de festa da campanha, sugerindo confiança na vitória. As letras facilmente memorizáveis das marchinhas ajudavam a fixar na mente do eleitor os pontos-chave da campanha. Outros panfletos, como os que tratavam do aumento do custo de vida e aqueles de caráter religioso, chamavam o eleitor à reflexão e sugeriam sempre a mesma mensagem: Getúlio era a solução para os problemas do Brasil. E somente ele.

As imagens, usadas nas fotografias e filmes, além de informar sobre a campanha, atestavam a popularidade de Getúlio. As multidões registradas nas imagens dos filmes dão veracidade às palavras do narrador, que afirma que alguns comícios tiveram mais de 300 mil expectadores: a câmera sobrevoa os comícios de Getúlio mostrando a multidão em imagens panorâmicas, com a nítida intenção de atestar a popularidade do candidato. As imagens em close foram usadas para aproximar o candidato do eleitor, mostrando suas emoções e sugerindo que Getúlio conhecia os problemas do povo porque também fazia parte dele. Esta proximidade entre as partes supõe um laço afetivo e um sentimento de confiança no eleitor, que se sente representado e correspondido pelo político.

Essa identificação também foi acentuada nos discursos que Vargas fez nos comícios. Sempre preocupado em estabelecer alguma espécie de vínculo entre ele e a platéia, de modo geral ele começava sua fala lembrando a última visita que havia feito àquela cidade quando ainda era Presidente, destacando alguma realização de seu governo anterior em benefício da região, ou, até mesmo falando da importância do município em sua trajetória pessoal. Depois falava dos problemas e soluções para as questões regionais de ordem prática, ou de algum assunto de interesse comum a todos, e por fim despedia-se agradecendo a calorosa acolhida e dizendo-se confiante do resultado nas urnas – afinal, ele sabia que podia contar com o povo, assim como o povo sabia que podia contar com ele.

Outro ponto a ser destacado nos discursos é a defesa da família e dos valores cristãos de respeito ao próximo e igualdade entre os homens. Esses preceitos religiosos quase que se confundem com as leis trabalhistas, uma vez que essas também têm como objetivo o respeito e a igualdade. Getúlio retomou o trabalhismo, sua principal marca de identidade política, e pregou a extensão da legislação social a todos os trabalhadores, inclusive os do campo, para que todos os homens fossem iguais perante o Estado, e tivessem seus direitos assegurados sem a necessidade da luta de classes – pois em seu discurso, é com união que se progride, e não com luta. Nos panfletos da campanha esse tom religioso é ainda mais acentuado, em “orações getulistas” parodiando orações católicas – mas em vez de louvar a Cristo, afirmam que Vargas é o salvador do Brasil e pedem que a igualdade seja dada a todos os homens através das leis trabalhistas. Um exemplo de oração getulista:

Creio em Getúlio Vargas todo poderoso, criador das leis trabalhistas, creio no Rio Grande do Sul e no seu filho, nosso Patrono, o qual foi concebido pela Revolução de 30.

Nasceu de uma santa Mãe, investiu sobre o poder de Washington Luís, foi condecorado com o emblema da República, desceu ao Rio no terceiro dia, homenageou os mortos subiu ao Catete e está assentado em São Borja, donde há de vir julgar o general Dutra e seus Ministros.

Creio no seu retorno ao Palácio do Catete, na comunhão dos pensamentos, na sucessão do Presidente Dutra, por toda a sua vida. Assim seja.¹⁰⁴

Em resumo, Vargas saiu em campanha levando um discurso bem preparado e sua equipe soube fazer um bom uso dos meios de comunicação

¹⁰⁴ Documentos sobre a campanha presidencial de 1950. Arquivo CPDOC: GV ce 1950.08/09.00/53.

disponíveis. Resultado: no dia 3 de outubro de 1950 Vargas foi eleito por ampla maioria, com 48,7 % do total de votos. Eduardo Gomes ficou em segundo lugar com 29,6 % e Cristiano Machado em terceiro com 21,5%.¹⁰⁵

¹⁰⁵ www.cpdoc.fgv.br <<acesso em 10 de maio de 2007.